

*João da Silva de Amaral*  
*a sua filha Carula*

TRABALHO PREPARATORIO PARA APROVEITAMENTO  
DO SELVAGEM E DO SOLO POR ELLE OCCUPADO NO BRAZIL

0

# SELVAGEM

I

CURSO DA LINGUA GERAL SEGUNDO OLLENDORF  
COMPREHENDENDO O TEXTO ORIGINAL DE LENDAS TUPIS.

II

ORIGENS, COSTUMES, REGIÃO SELVAGEM,  
METHODO A EMPREGAR PARA AMANSAL-OS POR INTERMEDIO DAS COLONIAS  
MILITARES E DO INTERPRETE MILITAR

Por Couto de Magalhães

conseguir que o selvagem entenda o portuguez, o que  
equivale a incorporal-o á civilização, e o que é possível com  
um corpo de interpretes formado das pragas do exercito e  
armada que falem ambas as linguas, e que se dissiminação  
pelas colonias militares, equivaleria a: 1.º Conquistar duns  
tercos partes do nosso territorio. 2.º Adquirir mais um  
milhão de braços nctimados e utilissimos. 3.º Assegurar  
nossas communições para as baías do Prata e do Amazo-  
nas. 4.º Evitar no futuro grande effusão de sangue huma-  
no e talvez despesas colossaes, como as que estão fazendo  
outros países da America.

Impresso por ordem do governo

T: 200539

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DA REFORMA

181 RUA SETE DE SETEMBRO 181  
1876

U. S. P.  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E  
CIÊNCIAS HUMANAS. 23825  
BIBLIOTECA DE LETRAS  
23825

*Uma vez a barca surta  
que o cão caiu no mar,  
e com sua mãe vai a terra  
e o angustado a terra*



## AO LEITOR

---

Eu não escrevi este livro, amigo leitor, por ambição de gloria litteraria, e sim com a de ser util, concorrendo com uma pedra para o edificio da grandeza de nossa patria. Como trabalho scientifico, eu sei que elle está cheio de imperfeições e lacunas; como trabalho pratico, como methodo de ensino de lingua, eu tenho consciencia de que é um bom livro, porque é n'elle que, pela primeira vez, se applica á lingua mais geral dos selvagens do Brazil, o methodo que os modernos philologos europeus hão inventado para vulgarisação das linguas vivas.

O constante testemunho da historia demonstra que por toda parte, e em todos os tempos em que uma raça barbara se poz em contacto com uma raça civilisada, esta se vio forçada ou a exterminal-a, ou a ensinar-lhe sua lingua.

Ora, o ensino de lingua só é possível, quando discipulo e mestre possuem uma, commum a ambos, na qual se entendam.

Para que os selvagens, que não sabem ler, que não possuem capitaes accumulados, aprendam o portuguez, é necessario que nós, que sabemos ler, os habilitemos a isso por meio de interpretes os quaes, conhecendo a lingua delles, lhes possam ensinar a nossa.

Na memoria, que publico em seguida, vão desenvolvidos esses pontos. Eu chamo no entretanto vossa attenção para a importancia do problema da domesticação de nossos selvagens, resumindo o que ali digo no seguinte :

O territorio do nosso immenso Brazil é de 291 mil leguas quadradas. Quasi duas terças partes d'esse territorio, ou 182,400 leguas quadradas, não pôdem ainda hoje ser pacificamente povoadas por familias christãs, porque estão expostas ás correrias sanguinolentas dos selvagens.

Domesticar os selvagens ou fazer com que elles nos entendam, o que é a mesma cousa, equivale a fazermos a conquista pacifica de um territorio quasi do tamanho da Europa, e mais rico do que ella.

Só essa conquista vale milhões ; feita ella, porém, não conseguiríamos somente a posse real da maior parte do territorio do imperio ; conseguiríamos tambem um milhão de braços aclimados, e os unicos que se prestam ás industrias, que por muitos annos serão as unicas possíveis no interior — as extractivas e pastoris.

Não é só a conquista pacifica de um territorio igual á Europa, e a de um milhão de braços uteis, proprios para desbravar a selvageria do nosso interior; ha serios perigos a evitar, e que o Brazil deve antever. Com uma população selvagem, dez vezes menor do que a nossa, com um paiz de mais faceis communições, a Republica Argentina tem-se visto em serias difficuldades por haver descurado a questão da domesticação de seus selvagens ; n'este mesmo anno os selvagens destruíram alli valores na importancia de mil e quatrocentos contos de nossa moeda, além de vidas humanas, e de despezas collossaes que mister foi fazer com o movimento de verdadeiros corpos de exercito para batel-os. O mesmo tem-se dado no Chile, Perú, Bolivia e Estados-Unidos.

E' com o duplo fim, por um lado, de tirar vantagens do solo ainda occupado pelos selvagens, e por outro lado, de prevenir futuras difficuldades, que o governo imperial me tem encarregado mais de uma vez de trabalhos relativos á nossa população indigena, trabalhos de que este livro é uma parte.

No Brazil as cousas não chegaram ao ponto acima mencionado por duas razões : primeiro, porque temos attendido mais a esse assumpto de nossos selvagens do que o fizeram aquelles paizes ; segundo, porque nosso territorio é mais vasto e o selvagem aqui está ainda á larga.

Mas se não conjurarmos o mal, elle ha de chegar.

Este livro é um preparatorio para a criação do corpo de interpretes, que, a exemplo do que fizeram nossos maiores os portuguezes, (os quaes em materia de colo-

nisação foram grandes mestres) nós também devemos crear aqui, sobretudo porque não importa novas despesas, pode-se aproveitar pessoal já existente e pago, limitando-se o esforço da administração a organizar e dirigir o serviço.

Encarregado, ha annos, pelo Sr. conselheiro Diogo Velho de organizar o serviço de catechese do Araguaya, eu suggeri o plano que alli se poz em execução, o qual consiste, em resumo, no aproveitamento do interprete indigena para auxiliar o missionario, pela mesma fórma por que procederam os antigos.

Sim—de que serve o missionario, com a santidade das leis da religião, se elle não tem lingua por onde ensine a regeneradora moral do christianismo?

Não foi por ventura o proprio Christo que, com o mandamento de espalhar sua doutrina pelo mundo, disse aos apóstolos que, antes de fasel-o, o Espirito Santo desceria sobre elles e lhes daria o dom das linguas?

Não quererá isto diser que o interprete é cousa tão importante entre uma raça christã e uma raça barbara que, sem elle, impossivel será trazer aquella a assimilar-se com esta?

Os antigos portuguezes, que forão incontestavelmente grandes mestres, como raça colonisadora, organisaram, com o nome de corpo de *linguas* os interpretes militares, a cuja acção pacifica devemos hoje mais de amedatade da população operaria do Brasil.

Os jesuitas hespanhoes e portuguezes creavão nos seus collegios os interpretes, que não erão outros senão os meninos selvagens a quem davão uma organização

militar, e que depois espalhavão pelo meio das tribus barbaras. O padre Montoya, em instrucções dadas para um dos collegios do Paraguay, dizia: «aquella tribu onde houver um *lingua* (um interprete) é uma tribu mansa.»

Disem as chronicas que este mesmo padre Montoya, (é o mesmo missionario que melhor fallou o guarani) só por si amansou mais de cem mil indios!

Este unico facto não tornará evidente o immenso poder do homem civilisado, diante do homem barbara, desde que esse homem civilisado dispõe do interprete para se fazer entender?

Como é que o missionario, pobre estrangeiro que não conhece o portuguez, que vem para cá em idade avancada, hade aprender linguas selvagens?

Não é muito mais facil e economico dar-lhe o interprete?

Este livro é um preparatorio para a realisação dessas aspirações. Foi o respeitavel e honrado Snr. Conselheiro José Agostinho Moreira Guimarães quem suggerio-me a idéa de applicar o methodo de Ollendorf á lingua geral: á elle devo o me haver constantemente animado e insistido na realisação de um trabalho por sua natureza arido, e tanto mais difficil para mim quanto eu, vindo dessas longas peregrinações pelo sertão, estava muito longe de tudo quanto era movimento litterario nesse ramo especial de sciencia. Elle deu-me um dos primeiros livros de philologia, que acompanhou-me ao Araguaya, e lá, no meio d'aquellas solidões, servio-me de pharol para me guiar no estudo methodico de uma

lingua difficilima, na ausencia absoluta de livros e grammatica que della se occupassem.

Foi assim que principiei e levei a mais de meio o presente curso.

O meu respeitavel amigo, o Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo, deu-me uma das mais preciosas obras que existe a respeito de uma lingua irmã do tupi: uma sobre a lingua guarani, do padre Montoya.

Em 1874 tendo eu de ir ao Pará, por interesse meu, o Sr. conselheiro Costa Pereira encarregou-me de estudar a estatistica selvagem do valle do Amazonas, e de classificar as populações selvagens pelas linguas que fallavam. (\*)

Eu havia sido durante dous annos presidente do Pará, e sabia que a grande riqueza d'aquelle valle, representada pela borracha, salsa, copahiba, castanha, que se exporta já no valor de muitos mil contos, é quasi exclusivamente devida ao braço do tapuio; o que eu ignorava, porém, é que a quantidade dos que são ainda selvagens, excede de muito á dos que são mansos; que existem nações numerosissimas, como a dos Cahiapós e Mundurucús, a primeira das quaes tem uma população de oito mil almas e a segunda a de quatorze mil; que em todas as nações, ainda mesmo nas que não fallam o tupi, esta lingua é entendida, é o francez ou inglez da immensa região amazonica.

(\*) Como em nosso paiz ha algumas pessoas que tem o máu habito de attribuir a interesse pessoal as opiniões dos outros, seja-me licito declarar que as commissões que eu tenho desempenhado e desempenho, são gratuitas, no que aliás não ha merito porque as viagens necessarias para desempenhal-as, tinham por fim attender a outros assumptos de meu interesse privado.

Com o auxilio de um lingua que á minha disposição poz o illustre presidente do Pará, o Sr. Dr. Pedro Vicente de Azevedo, e com o de outros linguas que eram marinheiros a bordo de um dos meos vapores, eu trabalhei ardentemente, e assim conclui o curso.

Chegando ao Rio de Janeiro apresentei os trabalhos ao chefe do respectivo serviço, o meu respeitavel collega e amigo Dr. Castro e Silva.

Elle havia então estudado minuciosamente todo o assumpto de nossos aldeamentos, preparara cadernetas especiaes para registrar o que era peculiar a cada um d'elles, e depois d'esses estudos e exame minucioso dos documentos officiaes, chegára ás mesmas conclusões que eu havia chegado na pratica, isto é: a paz e segurança de grande parte de nossas populações do interior, nossas communicações internas, o aproveitamento de regiões fertilissimas, a vida das unicas industrias productivas do interior — a pastoril, extractiva, a de transportes pelo rios que não tem navegação a vapor; são outras tantas razões de ordem social que solicitam os esforços do Brazil em bem do amansamento de nossos selvagens.

Consultando então não só o que os portuguezes e hespanhóes fizerám na America, mas o que fizeram todos os povos civilizados, eu consignei os meios practicos empregados por esses povos n'estas tres instituições: COLONIA MILITAR, INTERPRETE, MISSIONARIO.

Temos o primeiro e o terceiro, falta-nos organizar os elementos para ter o segundo.

O meu mencionado collega fez do assumpto um succulento resumo que foi presente ao actual ministro da agricultura o Sr. conselheiro Thomaz J. Coelho de Almeida.

A idéa de utilizar nossas colonias militares, como auxiliares do povoamento dos sertões, para nellas se collocarem interpretes que, fallando as linguas das populações selvagens circumvizinhas lhes facilitariam as relações com os mesmos selvagens, encontrou echo no seio do gabinete e nomeadamente nos dous conspicuos varões, por cujas pastas correm estes negocios : os da Agricultura e o da Guerra.

Eu tive autorisação para auxiliar-me d'aquellas praças do exercito que fallassem linguas selvagens, e assim pude rever todo o trabalho que ora publico.

Oxalá produza elle os fructos que o governo teve em vista.

A organização do corpo de interpretes, que não custa despeza nova, porque tanto monta guarnecer as colonias militares com praças que não fallam as linguas dos selvagens vizinhos, como com homens que as fallam, os quaes educados com os dous officios de ferreiro e carpinteiro, educação que é facil dar nos arsenaes, se dessiminariam pelas colonias na vizinhança d'aquellas populações cuja lingua fallassem; a organização de um tal corpo, repito, é uma das medidas mais economicas e prudentes que podemos agora tomar.

Deus ha de permittir que ella medre para bem e engrandecimento de nossa patria.

Resumindo toda questão em poucas palavras, eu repito aqui o que já disse na epigraphé.

«Conseguir que o selvagem entenda o portuguez, o que é possível com um corpo de interpretes organizado com praças do exercito e armada que fallam ambas as linguas, e que, educadas nos arsenaes, se dessiminariam depois pelas colonias militares, seria a um tempo:

1º. Conquistar duas terças partes do nosso territorio, que ainda não pôde ser pacificamente povoado por causa dos selvagens.

2º. Adquirir mais um milhão de braços aclimados e utilissimos nas industrias pastoris, extractivas e de transportes internos, unicas possíveis por muitos annos no interior; esses braços são tambem os mais proprios para a povoação de nossas remotas fronteiras, os unicos aptos para desbravarem o interior, e serem os predecessores naturaes da raça branca, n'um solo ainda virgem.

3º. Assegurar nossas communicações interiores para as duas bacias do Prata e do Amazonas.

4º. Evitar no futuro grande effusão de sangue humano, e talvez despezas colossaes, como as que tem feito outros paizes da America.

Para conseguir estes fins são necessarios esforços. Mas, quaesquer que elles sejam, haverá alguma cousa que nos impeça de tental-o agora em quanto é tempo?

Foi como preparatorio para execução deste pensamento que o governo me encarregou deste trabalho.

que eu executei conscienciosamente, na medida de minhas forças, sem outro interesse, como já disse, além de desempenhar-me do dever de prestar ao meo paiz um pequeno serviço.

E' o fim pratico, leitor, que eu vos peço que tenhaes em vista, quando julgardes este trabalho.

Rio, 2 de Janeiro de 1876

O AUTOR

## INTRODUCCÃO

Memoria apresentada a Commissão Superior da Quarta Exposição Nacional, onde são estudados e discutidos os diversos problemas economico-sociaes, que dependem do amansamento do selvagem do Brazil, e em que se pede á Commissão, em nome de interesses futuros muito preponderantes do imperio, que tome a si o recommendar o assumpto á attenção das classes pensantes da nossa patria.

### I

TRABALHOS SCIENTIFICOS REALISADOS RECENTEMENTE EM DIVERSOS PAIZES DA AMERICA TENDO POR OBJECTO O SELVAGEM.

A politica de engrandecimento pelas armas não é a politica americana, e menos ainda é a politica do Brazil.

As conquistas pacificas da intelligencia pelas suas revelações nas artes, sciencias e industrias, eis o fim a que marchamos.

O chefe do Estado ainda ha pouco, abrindo a exposição, declarou no seu discurso que as festas da industria eram as festas de sua predilecção. Este pensamento representa tambem a aspiração dos brazileiros.

No grande concurso, que se vai abrir em Philadelphia, ha uma secção para sciencias; nessa, merecerão por certo especial attenção aquellas obras que se referirem ao homem americano, e aos esforços feitos pelas raças conquistadoras para chamal-o á communhão da civilisação christã.

Os argentinos podem ser representados nessa secção pelo trabalho do Sr. Fidel Lopez: *Les Races Aryennes du Peru, Leur Langue, Leur Religion, Leur Histoire*. Os peruanos, pelos recentes trabalhos sobre a lingua dos Yncas do Dr. José Fernandez Nodal; os habitantes da America Central pelos trabalhos philologicos do padre Brasseur de Bourburg; os norte-americanos pelo mais collossal e gigantesco trabalho scientifico emprehendido acerca das raças indigenas da America, trabalho cuja impressão se está concluindo, que se diz haver custado a seu autor uma despezas de mais de quatrocentos contos, e o concurso de trinta jovens norte-americanos que puzeram em commun suas forças para leval-o a termo, e que tem por titulo: *The native races of the Pacific States—by Hubert H. Bancroft*.

Tendo sido encarregado pelo governo imperial da elaboração do curso que se segue, apressei a sua publicação de modo a que elle podesse estar prompto antes da abertura da exposição de Philadelphia, e peço á Commissão que o remetta como testemunho de que tambem aqui nos esforçamos para assimilar á civilisação as raças indigenas do Novo Mundo.

Não é este o unico objecto pelo qual escrevo esta memoria.

O fim das exposições, colligindo os productos e elementos de riqueza de um paiz, é chamar a attenção sobre aquelles que, sendo susceptiveis de grande desenvolvimento para a riqueza publica, não tiverem obtido ainda a necessaria attenção das classes pensantes.

No futuro nenhum assumpto talvez se entrelaçará tão geralmente com o desenvolvimento da riqueza e engrandecimento do Brazil, como o do amansamento de nossos selvagens.

Parecerá a muitos uma exaggeração.

Mas que não é exaggeração basta ponderar que o povoamento de quasi duas terças partes de nosso territorio, nossas communicações interiores, e industrias importantissimas, dependem aqui, até certo ponto, do selvagem.

## II

## O SELVAGEM COMO ELEMENTO ECONOMICO

Um dos sabios que mais estuda e ama o Brazil, Mr. Ferdinand Denis, que sempre nos defende na Europa, encarecendo as nossas virtudes e attenuando os defeitos que necessariamente existem em um povo, que ainda não venceu o periodo de elaboração para constituir-se como nação homogenea, escrevia-me de Paris o anno atrazado, as seguintes palavras, a proposito do meu escripto — REGIÃO E RAÇAS SELVAGENS: — « Eu estou convencido de que a grandeza



futura de vosso paiz depende do espirito de raça bem comprehendido. »

E' assim.

Este grande colosso, que se fórma ainda com o nome de Brazil, é um immenso cadinho onde o sangue europeu se veio fundir com o sangue americano.

A futura população — operaria — do Brazil não será uma, nem outra cousa.

Como na America do norte o anglo-saxonio, fundindo-se com o pelle vermelha, produzio o Yank, representante de uma nova civilisação; assim o latino, fundindo-se com o tupi, produzio essa raça energica que constitue a quasi totalidade da população de S. Paulo e Rio Grande, e a maioria do povo do imperio.

Grande parte de nossos compatriotas ainda não quer acreditar que o problema da população só será satisfactoriamente resolvido quando attendermos aos dous elementos: o europeu e o americano.

A grande França, pela voz eloquente do Sr. de Catrefages, nos está a bradar que, como elemento de trabalho, nenhuma raça nos é tão proveitosa como a do branco aclimado pelo sangue do indigena.

E, ao passo que importamos o branco, que nos é aliás essencial me parece que devemos attender tambem a um milhão de braços indigenas não menos preciosos, porque é a este, mesmo por causa de sua pouca civilisação, que está reservada a missão de ser o precursor do branco nos climas intertropicaes,

desbravando as terras virgens, desbravagem que o branco não supporta.

Não queremos isso, porque nós os brasileiros temos tanto que fazer no presente, que difficilmente podemos olhar para as questões do futuro, ainda as mais importantes.

Para aquelles, porém, que hão estudado o paiz real sem preocupações, o problema de seu povoamento só tem uma solução complexa.

Povoar o Brazil, não quer dizer sómente importar colonos da Europa.

Povoar o Brazil quer dizer :

- 1.º Importar colonos da Europa para cultivar as terras já desbravadas nos centros, ou proximas aos centros povoados.
- 2.º Aproveitar para a população nacional as terras ainda virgens, onde o selvagem é um obstaculo; estas terras representam quasi dous terços do territorio do imperio. Tornar productiva uma população, hoje improductiva, é, pelo menos, tão importante como trazer novos braços.

3.º Utilisar cerca de um milhão de selvagens que possuímos, os quaes são os que melhores serviços podem prestar nessas duas terças partes do nosso territorio, porque as industrias extractivas, unicas possiveis nessas regiões (emquanto não houverem estradas) só tem sido, e só podem ser exploradas pelo selvagem.

Que proveito temos nós tirado dos selvagens? perguntam muitos.

Tiramos nada menos do que metade da população

actual do Brazil, não da população que occupa os altos cargos, as funções publicas, os salões, os theatros, as cidades; mas da população que extrahê da terra milhares de productos que exportamos ou consumimos; da população quasi unica que exerce a industria pastoril; da população sobre quem mais tem pezado até hoje o imposto de sangue, pois é o descendente do indio, o mestiço do indio, do branco e do preto o que quasi exclusivamente ministra a praça de pret, ou o marinheiro.

S. A. Real, presidente dessa commissão, commandando o nosso exercito na guerra do Paraguay, vio nos homens de côr, de que se compunha a quasi totalidade das praças de pret, um transumptô da população operaria do Brazil.

Se mais tarde elle viajar todo o paiz encontrará nelle o mesmo que vio no exercito, e que já tem visto nas provincias de Minas, Rio de Janeiro, S. Paulo e Rio-Grande.

Do prestimo e do valor desses homens como soldados ninguem melhor está no caso de julgar do que o presidente dessa commissão.

E para recordar um só argumento, seja-me licito ponderar o seguinte:

Quando elle assumio o commando de nossas forças, a guerra ameaçava entrar nesse perigoso periodo em que se acha actualmente a lucta civil da Hespanha.

Si o exercito fosse composto de homens habituados a vida europea, não seria possivel alcançar Pirábeduy senão um mez depois; os recursos que alli foram esmagados, graças á rapidez das marchas, teriam se

acautellado com o dictador nas margens do Aquidaban. Si S. A. prevalescendo-se da qualidade de seo exercito, perfeitamente proprio para a prompta mobilisação, justamente por ser composto desses mestiços descendentes de troncos a longos seculos aclimados ao solo e ás privações de uma vida semi-selvagem, não houvesse podido alcançar o inimigo naquelle ponto; si não tivesse podido fazer avançar suas testas de columnas de modo a esmagar a guerra nas margens remotas do Aquidaban, quem nos diz, si a guerra, conseguindo converter-se em guerrilha, no centro daquella região entre o Paraná e o Paraguay, não duraria até hoje?

Assim como os homens aclimados ao solo, e habituados á vida semi-barbara, foram condições essenciaes á victoria, assim tambem esses homens, e n'essas condições, são elementos indispensaveis de successo na lucta mais pacifica, porém não menos tenaz, da elaboração da riqueza de um povo.

Seja-me licito proval-o, não á essa commissão que conhece o paiz, mas á aquelles de nossos patricios que estudam mais a Europa do que a terra a que tem o dever de consagrar sua actividade e energia para engrandecel-a, quando é certo que é só a consciencia d'esse dever que dá a qualidade de brasileiro.

O primeiro facto que prova a utilidade das raças crioulas nas circumstancias do nosso paiz, ainda barbaro em cerca de duas terças partes de seu solo, é o seguinte:

O valle do Amazonas é por si só um territorio maior do que o dos grandes estados europeus.

A sua população, que é pequena, exporta cerca de 20 mil contos.

E esses vinte mil contos resultam da borracha, salsa, castanha, cacão, copahyba, pelles de animaes selvagens e em geral de productos colhidos da natureza pelos tapuios do Brazil e das republicas vizinhas.

Como essa colheita depende de estar exposto ás matas, sem casas, sem commodo, nem os brancos se entregam a essas industrias, e nem poderiam fazel-o sem succumbir.

A consequencia é:

Se o valle do Amazonas não possuísse o tapuio, seria actualmente uma das mais pobres regiões do paiz, quando, com elle, e justamente porque elle é semi-barbaro e se póde entregar a essas industrias, a região é uma das mais productivas que possuímos.

Tomemos um outro facto :

O Brazil é um dos paizes que exporta maior numero de pelles de boi para a Europa.

E' pois um dos paizes mais productores de gado vacuum.

Liebig demonstrou o quanto a civilização e os aperfeiçoamentos da raça aryanna dependeram d'esse producto.

Se não fora a raça aborigene ou não seriamos productores d'esse artigo, ou sel-o-hiamos em escala diminuta.

N'esta industria, como na da extracção dos productos naturaes, o homem proprio para sua exploração é

aquelle que, pelo atrazo de sua civilização, ainda possui os habitos quasi nomades que ella exige.

Nas provincias creadoras o principal instrumento d'este trabalho ou é o indigena civilisado, ou é o seu descendente.

Esse facto vai desenvolvido adiante, e, o que fica dito, é quanto basta para provar esta verdade :

Assim como os habitos de uma vida ainda isempta dos commodos da civilização foram qualidades muito uteis no nosso exercito, sem as quaes não teria sido possivel movel-o, se não com uma lentidão que teria feito talvez escapar a victoria, assim tambem essa mesma falta de civilização, é condição indispensavel de successo na elaboração da riqueza nacional, que, si exige uma lucta menos sanguinolenta do que a da guerra, com tudo n'ella não se alcança a victoria se não quando se a solicita pelos meios adequados.

Não é só uma questão de utilidade; é tambem uma questão de segurança no presente e no futuro. Consintam-me que eu insista sobre estes pontos, reproduzindo factos de propria observação. Tendo eu occupado durante cerca de seis annos as presidencias das provincias em que existe maior numero de selvagens, Goyaz, Parà e Matto Grosso, n'ellas minha attenção foi chamada sobre a seguinte questão :

Sendo a superficie do Brazil de 291 mil leguas quadradas, só o territorio das tres supra mencionadas provincias e da do Amazonas representão mais de metade, quasi dous terços do territorio do imperio, isto é: 182:400 leguas quadradas, onde as populações christãs

e a civilização não podem pacificamente penetrar por causa do obstáculo que lhes oppõe cerca de um milhão de selvagens aguerridos e tenazes, que não entendem a nossa lingua, e nós não temos meios de ensinal-a por que ignoramos a d'elles.

Na presidencia de Goyaz e Matto Grosso eu vi experimentalmente que o principal instrumento de trabalho na industria do interior — a criação do gado — é o indio antigamente catechizado pelo jesuita, ou o mestiço seo descendente. Mais tarde, viajando pela republica do Paraguay, Corrientes, Santa fê e outras provincias argentinas, eu vi que allí, como no interior do Brazil, e provincias do Rio Grande, Paraná, S. Paulo — o principal instrumento da riqueza publica, o vaqueiro por excellencia, não era nem o branco e nem o preto, e sim o *gaucho*, o *caipira*, o *caburé*, o *caboclo*, o *mameluco* o *lapuio*, nomes estes que todos indicão a mesma cousa, a saber: — o antigo indio catechizado pelo jesuita, ou pelos corpos de linguas e interpretes tão sabiamente organizados pelos antigos portuguezes e hespanhoes.

Em todo o valle do Amazonas e seos grandes afluentes, quer no territorio do Brazil, quer nos da Bolivia, Perú, Nova Granada, Venesuela, etc, o instrumento principal de riqueza não é nem a raça branca, nem a raça preta. A raça branca representa os misteres intellectuaes; mas o trabalho, a elaboração da riqueza que allí depende em tudo de industrias extractivas, é exclusivamente filha do antigo indio amansado na-

quelle valle pelos corpos de interpretes auxiliares indispensaveis da civilização, e do missionario.

Não foi só isso: tendo sido forçado a viajar muitas vezes do Rio de Janeiro a Matto Grosso, isto é a atravessar todo o Brazil de leste a oeste; e a viajar de Montividéo ao Pará pelo interior, isto é, a atravessar todo Brazil de sul a norte, eu vi que todas as nossas communicações pelo interior estavam a mercê dos selvagens, por que nós, população christã, possuímos apenas a circunferencia desta enorme área chamada Brazil: o centro está em poder do selvagem, que possui tambem as regiões mais fertes, assim como os cursos dos grandes rios navegaveis, cada uma de cujas bacias cobre um territorio tão grande como o das maiores monarchias europeas, como Javary, Juruá, Purus, Madeira, Tapajós, Xingú, Araguaya, Tocantins, Japurá, Rio Negro, Rio Branco, só na bacia do Amazonas, sem fallar nos da do Paraná.

O facto da existencia desse milhão de braços, occupando e dominando a maior parte do territorio do Brazil, podendo irromper para qualquer lado contra as populações christãs, é um embaraço para os progressos do povoamento do interior, e é um perigo que crescerá na proporção em que elles forem ficando mais apertados: a questão pois não versa só sobre a utilidade que podemos tirar do selvagem; versa tambem sobre os perigos e despesas que faremos, se não cuidarmos agora de amansal-os.

Não estará longe o dia em que seremos forçados, como é a Republica Argentina, o Chile, os Estados Unidos

a mantermos verdadeiros corpos de exercito para conter nossos selvagens, si abandonarmos essa questão ao seu natural desenvolvimento.

Em Janeiro d'este anno ainda os jornaes deram noticia dos estragos que elles fizeram na Republica Argentina, estragos que montaram, além da perda de vidas, em mais de mil e quatrocentos contos de nossa moeda!

Como estes assumptos em geral despertam muito pouca attenção da nossa sociedade, por que, occupados como nos achamos com muitas questões presentes, falta-nos tempo para nos occuparmos do futuro, eu peço a attenção da commissão para esse facto, e aqui reproduzo a parte da correspondencia de Buenos Ayres, publicada no Globo de 10 de Janeiro preterito :

*« São ainda confusas, mas, em todo caso, assustadoras as noticias da invasão dos indios, na provincia de Buenos-Ayres.*

*Por desorganisação das forças da fronteira ou por insufficiencia d'ellas, o certo é que os indios ainda não foram detidos na sua marcha devastadora, e, além de varios prisioneiros ja feitos por elles, avalia-se que já internaram no deserto mais de 60,000 cabeças de gado cavallar, não incluindo o gado bovino, cujo numero é ainda mais consideravel. »*

São por tanto cento e vinte mil animaes que, ao preço de 12\$000 cada um, representam pelo menos um prejuizo de mil quatrocentos e quarenta contos só em um anno, afóra as vidas!

Estes prejuizos, as despezas que serão necessarias com movimento de forças, as perturbações sociaes

que provirão de conflictos sanguinolentos no interior, mostram que quaesquer despezas, que fizermos agora para assimilar os selvagens na nossa sociedade, serão incomparavelmente menores do que as que teremos de fazer, si, por não prestar attenção ao assumpto, formos forçados a exterminal-os.

E nem se diga que não estamos expostos aos mesmos perigos que os argéntinos, chilenos e norte-americanos.

Si o perigo ainda se não manifestou entre nós, é porque aqui no Brazil temos sido mais previdentes, e porque a população christã está por assim dizer confinada na costa. Aquella que é limitrophe dos selvagens tem com elles constantes conflictos, e não ha quasi um só mez em que os jornaes nos não dêem noticias de taes conflictos.

Não só estaremos (desde que a população se alargue) expostos aos mesmos perigos que os argéntinos, como estaremos expostos a maiores, e para assim julgar basta ter presente ao espirito os seguintes factos :

A população selvagem da Republica Argentina é avaliada em cem mil indios; a nossa é avaliada em um milhão, ou dez vezes mais. O territorio da Republica Argentina é quasi todo accessivel por meio da grande linha navegavel do Paraná; alli o movimento de forças é mais facil ao christão do que ao gentio, dispondo aquelle de vapores no rio, e em terra de immensa cavallhada. Nosso interior, muito mais remoto da parte que possui população densa, não é accessivel ao vapor; possuímos menos cavallhada, e por tanto o

movimento de forças aqui seria mais facil ao gentio do que a nós.

Muitos de nós brasileiros tem a respeito do interior não pequena cópia de idéas falsas; a idéa que muitos formam do interior, é que possuímos um paiz de florestas, quando, a excepção das da costa ou das que margeam os rios, todo o territorio é, quasi sem excepção, de eternas campinas. Uma outra idéa falsa que muitos formam do interior é que a população selvagem do Brazil compõe-se de pequenas tribus; assim é pelo que respeita as que estão logo em seguida á população christã. Mas no interior, isto é, além da linha occupada pelos selvagens, que estão em contacto connosco, existem poderosas nacionalidades que não despertam a nossa attenção porque é ainda immenso o sertão do interior que não é de fórma alguma viajado ou conhecido. Só a bacia do Xingú é maior do que a França. Não ha noticia de um só christão que a tenha tocado até hoje. Não conhecemos nosso interior, ninguem o conhece senão os mesmos selvagens; é disso que vem a crença de que as tribus são pelo commum de 100 a 200 individuos. Para citar só dous factos eu direi que a nação que com os nomes de Gradahús, Gorotirés, Cahiapós, Carahós, (fallam todos a mesma lingua) habita entre o Xingú e o Araguaya não deve ter menos de oito a doze mil individuos. Na bacia immediata (a do Tapajós) conhecem-se tambem duas grandes nações: a dos Mundurucús e a dos Maués; a respeito destas publicou o *Jornal do Commercio* em Novembro do anno passado a seguinte estatística:

« INDIOS DO TAPAJÓS.—Lê-se no *Diario do Grão-Pará*:

« Existem no rio Tapajós, entre as cachoeiras e esparsos pelas campinas, dentro dos limites desta provincia com a de Matto-Grosso, diversas raças de gentios, d'entre as quaes duas nações—a Mundurucú e a Maués—, que se assignalam pelo contacto em que se acham com a população civilisada e em mutuas relações, e por conseguinte bem conhecidos. Estas duas nações se dividem, a Mundurucú em 21 tribus, formando cada tribu a sua aldéa ou taba, e a Maués em 51 tribus, além de 5 que estão no districto de Villa Bella, da provincia do Amazonas.

« As 21 aldéas ou tabas dos Mundurucús contêm 13,910 almas, e as 51 dos Maués 775. »

Portanto, nem pelo numero nem pela posição, os perigos á que as populações christãs ficarão expostas desde que os selvagens se virem mais apertados, não são inferiores, pelo contrario são maiores do que os á que actualmente está exposta a Republica Argentina; e si alli ainda este anno os selvagens, que são dez vezes menos numerosos do que os nossos, poderam destruir só em uma incursão valores equivalentes a mil quatrocentos e muitos contos,—que esforços não devemos nós empregar para fugir de identica situação, com selvagens mais numerosos e com um paiz de muito mais difficil communicação, sobretudo quando esse selvagem nos póde ser tão util?

## III

## ASSIMILAÇÃO DO SELVAGEM POR MEIO DO INTERPRETE

A experiencia de todos os povos, e a nossa propria, ensinam que no momento em que se consegue que uma nacionalidade barbara entenda a lingua da nacionalidade christã que lhe está em contacto, aquella se assimila á esta.

A lei da perfectibilidade humana é tão inflexivel como a lei physica da gravitação dos corpos.

Desde que o selvagem possui, com a intelligencia da lingua, a possibilidade de comprehender o que é civilização, elle a absorve tão necessariamente como uma esponja absorve o liquido que se lhe põe em contacto.

Esses homens ferozes, e temiveis em quanto não entendem a nossa lingua, são de uma docilidade quasi infantil, desde que entendem o que lhes fallamos.

Não são só elles.

Quem estudar o que os Inglezes fiserão na India—os Russos na Azia e America, os portuguezes e hespanhoes na Africa, Azia e America, verá a mesma cousa. Por toda parte onde quer que uma raça civilizada se pôz em contacto com uma raça barbara vio-se forçada : ou a exterminal-a, ou a aprender a sua lingua para com ella transmittir suas idéas.

E' esse o alcance d'aquellas palavras de Christo quando, dando aos apóstolos a missão de levar a religião de paz e caridade através das trevas do mundo

pagão, lhes disse : « *O Espírito Santo descera sobre vós e vos dará o dom das linguas* »

Sim, por toda a parte onde a civilização da humanidade se pôz em contacto com a barbaria, o problema de sua existencia só teve um destes dous instrumentos:

Ou o derramamento de sangue;

Ou o interprete.

Não ha meio termo. Ou exterminar o selvagem, ou ensinar-lhe a nossa lingua pelo intermedio indispensavel da sua, feito o que, elle está incorporado em nossa sociedade, embora só mais tarde se civilise.

Desde então a criação de um corpo de interpretes destinado a ensinar aos selvagens nossa lingua, que elles aprendem com grande facilidade, quando se lh'a ensina na sua, fica evidente que será meio efficaz para realisarmos a conquista pacifica de duas terças partes do solo do imperio, de um milhão de braços hoje perdidos, de industrias que em poucos annos podem decuplicar; de assegurarmos nossas communicações pelo interior, e evitarmos no futuro graves difficuldades.

E onde estão os elementos para crear-se esse corpo de interpretes ?

Estão no exercito, na armada, e estão espalhadas pela superficie do imperio que por si representa um 15.º da superficie terrestre do globo.

Reunil-os em um corpo, dar-lhes organização, ensinar-lhes a ler e a escrever e os officios indispensaveis de carpinteiro, e ferreiro, é tão facil que nada nos desculpará de não emprehendel-o agora, quando para isso temos todos os elementos.

Esse corpo, desde que tivesse a organização e a disciplina militar, seria um auxiliar prestimoso para nossas colonias militares, para nossas populações das fronteiras, para as expedições que quizessemos mandar ao interior, e para proteger nossas communicações interiores, as quaes, repito, para as duas grandes bacias do Prata e do Amazonas que estão a mercê do selvagem, e que nos seriam preciosas, desde que nos fosse trancado o caminho do oceano, ou a fôz do Rio da Prata ou do Amazonas; este ultimo facto pôde dar-se não só diante de uma guerra externa como diante de uma revolução.

Antigamente, quando se queria fundir uma população em outra, o meio que logo occorria era a força.

A Inglaterra na Asia, a França na Africa, a Russia na Asia e na America, nos demonstraram que os corpos de interpretes são, não só mais economicos, como muito mais efficazes.

Felizmente nós os brasileiros nos temos aproveitado e havemos de nos aproveitar da lição dos povos mais cultos do mundo.

Digo que nos havemos de aproveitar porque, felizmente, como já o referi no prologo, o governo se occupa seriamente da questão; oxalá não desanime.

#### EXTENSÃO GEOGRAPHICA EM QUE DOMINA A LINGUA TUPI

O estudo das grandes linguas indigenas do Brazil é assumpto de consideravel interesse, não só debaixo do ponto de vista pratico, como debaixo do ponto de vista scientifico.

Quanto a seu interesse scientifico, eu transcreverei aqui as palavras que vem na introdução da obra — *Alphabeto phonetico* — de um dos mais notaveis linguistas dos tempos modernos, o Sr. R. L. Lepsius, de Berlim; diz elle:

*«Um dos maiores anhelos da sciencia moderna, e ao qual só ultimamente se achou em circumstancias de attender, é o conhecimento acurado de todas as linguas da terra. O conhecimento das linguas é o mais seguro guia para a comprehensão intima das nações, não só porque a lingua é o meio de toda communicação intellectual, como tambem porque é a mais copiosa, rica e fiel expressão do deposito intellectual de uma nacionalidade.»*

Nenhuma lingua primitiva do mundo, nem mesmo o sanscrito, occupou tão grande extensão geographica como o tupi e seus dialectos; com effeito, desde o Amapá até o rio da Prata pela costa oriental da America meridional, em uma extensão de mais de mil leguas, rumo de norte a sul; desde o cabo de S. Roque até a parte mais occidental de nossa fronteira com o Perú no Javary, em uma extensão de mais de oitocentas leguas, estão, nos nomes dos lugares, das plantas, dos rios e das tribus indigenas, que ainda erram por muitas dessas regiões, os imperecedores vestigios dessa lingua.

Confrontando-se as regiões occupadas pelas grandes linguas antigas, antes que ellas fossem linguas sabias e litterarias, nenhuma encontramos no velho mundo, Asia, Africa, ou Europa, que tivesse occupado uma região igual á da área occupada pela lingua tupi. De



modo que ella pôde ser classificada, em relação á região geographica em que dominou, como uma das maiores linguas da terra, se não a maior.

Pelo lado da perfeição ella é admiravel; suas fórmulas grammaticaes, embora em mais de um ponto embriónicas, são contudo tão engenhosas que, na opinião de quantos a estudaram, pôde ser comparada ás mais celebres. Esta proposição parecerá estranha a muita gente; mas o curso que começo agora a publicar, e que, com o favor de Deos, espero levar ao cabo de um modo completo, o deixará demonstrado. Muitas questões hoje obscuras em philologia e linguistica encontrarão no estudo desta, que constitue uma nova familia, a sua decifração.

Estas duas palavras *tupí* e *guarani* não significavam entre os selvagens que dellas usavam senão tribus ou familias que assim se denominavam.

Estas duas expressões: lingua tupí, ou lingua guarani, seriam como se nós dissessemos: a lingua dos mineiros, ou a lingua dos paulistas.

Se no Paraguay qualquer disser: *guarani nhehen*, para traduzir a expressão— lingua guarani — ninguém o entenderá, porque para elles o nome da lingua é: *ava nhehen*, litteral: lingua de gente.

Desde que o homem falle duas linguas, comprehende que aquelles que não fallam a sua se possam exprimir tão bem quanto elle o faz na propria.

Mas entre povos primitivos, que não tinham a arte de escrever, e para quem as linguas estrangeiras eram tão inintelligiveis como o canto dos passaros ou os

gritos dos animaes, muito natural era que elles só considerassem como lingua de gente a sua propria.

A expressão *ava nhehen*, para exprimir a lingua fallada por elles, mostra-nos que a idéa que tinham das outras é que ellas não eram lingua de gente.

Observa o Sr. Max Müller, com muita verdade, que nós os homens do seculo XIX difficilmente podemos comprehender toda influencia que exerceu sobre sociedades barbaras este admiravel instrumento chamado lingua.

Para o selvagem, aquelle que falla a sua lingua, é um seu parente, portanto seu amigo, e é natural.

Elle não tem idéa alguma da arte de escrever; não comprehende nenhum methodo de aprender uma lingua senão aquelle pelo qual adquirio a propria, isto é: pelo ensino materno; por isso, quando um branco falla a sua lingua, elle julga que esse branco é seu parente, e que entre a gente da sua tribu e na infancia é que tal branco aprendeu a fallar.

Em uma das vezes em que os gradahús appareceram á margem do Araguaya, eu acompanhei-os sosinho em uma longa excursão, levado pela curiosidade de observar grandes aldeamentos inteiramente selvagens; esses gradahús achavam-se em numero superior a mil, eram havidos por ferozes, e meus companheiros julgavam temeridade visital-os. Eu, porém, o fiz sem coragem alguma, porque, fallando um pouco da lingua delles, tinha plena e absoluta certeza não só de que minha vida não corria o menor risco, como que elles me

procurariam obsequiar por todos os modos, e assim succedeu.

Assim como para o selvagem, aquelle que falla a sua lingua elle reputa de seu sangue, e, como tal, seu amigo, assim tambem julga que é inimigo aquelle que a não falla.

O citado Sr. Max Müller nota: que entre todos os povos europeus a palavra que traduz a idéa de inimigo significa primitivamente: *aquelle que não falla a nossa lingua*; que muito é que o mesmo se dêsse entre os nossos selvagens?

Foi partindo deste importante facto que os jesuitas, em menos de cincoenta annos, tinham amansado quasi todos os selvagens da costa do Brazil.

Seu segredo unico foi assentar a sua catechese na base do interprete, base esquecida pelos catechistas modernos, que por isso tão pouco hão conseguido.

Assim, pois, diziamos que a palavra *guarani* não é o nome de uma lingua, e que a lingua que nós designamos por essa expressão, elles designam com a de — *lingua de gente* ou *ava nhehen*.

O mesmo diremos a proposito de lingua tupi.

*Tupi* era o nome de uma tribu que, ao tempo da descoberta, dominava grande parte da costa.

Se dissermos a qualquer indio civilisado do Amazonas: *falle em lingua tupi* — elle não entende o que lhe queremos dizer; para que elle entenda que queremos que elle se expresse na sua propria lingua, mister é dizer-lhe: *Renhehen nhehengatú rupi*, litt.: *falle lingua boa pela*, isto é: *falle pela lingua boa*.

Estes factos fizeram-me adoptar os vocabulos *ava nhehen* e *nhehengatú* para exprimir, o primeiro, a lingua *guarani*; o segundo, a lingua *tupi*.

#### NHEENGATU OU TUPÍ VIVO

A lingua tupi ou nhehengatú é, como vimos atraz, uma das que occupou maior superficie da terra. O que nós encontramos actualmente é uma porção de linguas muito semelhantes todas entre si. Dessas linguas algumas nos foram conservadas por monumentos escriptos, outras subsistem vivas e falladas por tribos mansas; é provavel que algumas tenham já desaparecido com os povos que as fallavam, e que muitas haja de que não tenhamos noticia.

Cada nova lingua que se estuda, é mais importante para o progresso da humanidade do que a descoberta de um genero novo de mineraes ou de plantas.

Cada lingua que se extingue, sem deixar vestigios escriptos, é uma importante pagina da historia da humanidade que se apaga, e que depois não poderá mais ser restaurada.

No estado actual dos nossos conhecimentos, impossivel é dizer qual dessas linguas tupis é mais primitiva, e ainda mais difficil é dizer qual a lingua de onde ellas vieram.

Entre as linguas tupis, conservadas pelos trabalhos dos padres jesuitas, figuram o *guarani* ou *tupi* do sul, no qual está escripto um dos maiores monumentos linguistas, o *Thesouro da lingua guarani*, do padre Montoya.

A lingua escripta pelo padre Montoya é ainda viva no Paraguay, Corrientes e em parte do territorio chamado de Missões. Foi, porém, profundamente modificada pelo contacto com o hespanhol, de modo que já ha, entre a lingua escripta por elle e a lingua actual fallada pelos paraguayos, a distancia que separa um dialecto de um outro.

Nem o tupí oriental, aquelle que era fallado na costa quando os jesuitas o escreveram, e que faz objecto dos dictionarios e grammaticas que nos legaram; nem a lingua Kiriri, um tupí que era fallado pela tribu desse nome, não são hoje linguas vivas. Assim como os selvagens ou desapareceram ou subsistem mestiçados, assim a lingua ou desapareceu ou mestiçou-se no rustico fallar de nosso povo, conseguindo introduzir na lingua portugueza do Brazil centenaes de raizes.

A lingua viva actual é fallada hoje em alguns lugares da provincia do Pará, entre elles Santarem e Portel, no rio Capim, entre descendentes de indios ou entre as populações mestiças ou pretas, que pertenceram aos grandes estabelecimentos das ordens religiosas. De Manãos para cima ella é a lingua preponderante, no rio Negro, e muito mais vulgar do que o portuguez.

Só esta bacia do rio Negro e seus affluentes abrange uma área igual á das grandes monarchias europeas, pois tem em distancias geographicas, 250 leguas de leste a oeste, e 200 de sul a norte, ou uma área de 50,000 leguas quadradas.

Pela margem esquerda do Amazonas a região, que é quasi exclusivamente dominada pelos selvagens, tem

500 leguas de leste a oeste e de 200 a 250 de norte a sul, ou a área colossal de 125,000 leguas quadradas.

Muitas linguas se fallam nesse immenso paiz, mas, sem a menor contestação, o tupi ou nhehengatú é a lingua geralmente entendida.

Ignoramos qual seja a população indigena existente nessa vastissima região; mas dizem alguns desertores, que hão penetrado parte della, que a população é mais densa ao passo que afasta-se dos lugares accessiveis aos christãos.

Eu não creio que a população selvagem seja densa em parte alguma; mas, ainda calculando-a muito rarefeita, isto é, dous individuos por cada legua, temos que uma só parte da bacia do Amazonas, aquella cuja área calculamos em 175,000 leguas quadradas, terá, por essa regra, uma população indigena de 350,000 selvagens.

Em geral, nas cidades da costa, á excepção dos homens que se dedicam a profissões litterarias, os outros não tem idéas precisas das grandes extensões de nosso paiz que são ainda dominadas pelos aborigenes, e, como elles desapareceram da costa, muitos os suppõe quasi extinctos, julgando que a área povoada pelo brasileiro christão é a quasi totalidade de nosso paiz.

A verdade é justamente o contrario, como ficou demonstrado.

Esta só consideração basta para tornar patente o empenho com que devemos nos prover de interpretes para actuar entre esses barbaros, e impedir que elles continuem a ser, como disse, um obstaculo para o povoaa-

mento de tão vasta porção do imperio, quando tão uteis lhe podem ser desde que nos deliberemos a empregar os meios para utilisal-os.

Se esta commissão, com seu prestigio, tomasse a si o encargo de chamar sobre o assumpto a attenção das classes pensantes, o que é de sua competencia, porque seu fim principal é despertar a attenção do paiz sobre aquelles objectos de que depende a riqueza publica presente e futura; se S. A., o Sr. Presidente d'ella, se dignasse tomar, sob seu patrocínio, a idéa do corpo de interpretes, o prestigio de seu nome seria sufficiente para congregar em torno d'ella o concurso de algumas de nossas intelligencias, o que seria muito effcaz para que produzisse seus fructos.

Alem dos fins economicos e administrativos que se ligão ao assumpto, e que ficaram ligeiramente esboçados, ha um fim humanitario a attender-se e que não pode ser indifferente a nem um povo civilizado, por quanto:

Promover isto: seria tambem promover a realização daquelle sublime mandato que Christo confiou a todo povo christão diante de um povo barbaro, nas seguintes sublimes palavras do Evangelho:

*Ite ad eos qui in tenebris et umbris mortis sedant, ad dirigendum pedes eorum in viam pacis.*

« Ide á aquelles que jazem sentados nas sombras e trevas da morte, e dirigi seus passos pela estrada da paz. »

Sobre estes pontos eu ousei chamar a attenção da Commissão Superior da Quarta Exposição Nacional.

O trabalho arduo a que ella tão patrioticamente se devotou, as investigações acuradas a que procedeu sobre os assumptos que podem interessar nossa futura riqueza, fazem-me esperar que este será tomado na devida consideração.

Rio 5 de Janeiro de 1876

J. V. COUTO DE MAGALHÃES.

I

CURSO DE LINGUA GERAL

PELO METHODO DE OLLENDORF

TEXTOS DE LENDAS INDIGENAS

## ADVERTENCIA

---

Este methodo foi redigido de modo que, independente de aprender o tupi, todas as pessoas, que saibam lêr e que estiverem em contacto com o selvagem, possam ensinar ao mesmo selvagem a fallar o portuguez.

Eu peço especialmente aos habitantes das immensas provincias do Pará e Amazonas, negociantes, seringueiros, donos de barcos, fabricantes de pirarucú, salça, oleo de copahyba, cravo, e em geral a todos quantos dependem do braço selvagem que, nas horas vagas, leiam ou mandem lêr á este a parte do curso, que vai da pag. 14 até o fim das lendas, lendo primeiro q *tupi*, e depois o portuguez correspondente, nome por nome, oração por oração, e ficarão sorprendidos da rapidez com que o selvagem aprenderá nossa lingua.

Aquelles que tomarem em consideração esta lembrança, consultarão a seus legitimos interesses, porque o selvagem que falla o portuguez, vale, pelo menos, tanto como dous boçaes; assim, cada cidadão desses se converterá em um catechista, attendendo aos interesses de seu commercio ou industria. O commercio e a industria foram, em todos os tempos, os primeiros auxiliares da fé e da civilisação.

## Curso de lingua Tupi viva ou Nheengatú

Parte synthetica ou resumo das regras da grammatica

---

### § 1.º DO MODO DE LER

1.º Nas linguas não escriptas é mais essencial ler bem do que nas linguas escriptas; pouco importa, por exemplo, que portuguezes do povo leiam o *b* com o som de *v*, porque d'ahi não resulta desintelligencia do vacabulo, cujo som assim alteram; a orthographia, de a muito fixada, não permite na escripta a mesma liberdade que existe na pronuncia.

Para ler bem uma lingua é necessario: 1.º que as letras tenham sons bem determinados; 2.º que o accentto da palavra seja conhecido. Quanto aos sons das letras, nós adoptamos o alphabeto phonetico de Magnus Lepsius com os valores que abaixo indicamos, do n. 2 ao n. 11; quanto ao accentto da palavra nós o indicaremos sempre com um circumflexo na syllaba tonica.

2.º Os sons que nós exprimimos pelo *r* duro, *j*, *l*, *v*, *z*, não existem n'esta lingua. O *r* é sempre brando, quer no principio quer no meio das palavras; assim, a syllaba *re*, que é o signal de 2.ª pessoa nos verbos, pronuncia-se branda, como na palavra portugueza *querer*. Usamos de —*ç*—, com som de —*s*—, antes de *a* o *u*.

3.º A E O tem tres sons: aberto, fechado, nasal.  
A—aberto *tahá*; *a* fechado *marãma*; *ã* nasal *mahã*.

Quando estas vogaes forem escriptas sem signal algum no fim das palavras, se entenda que são quasi mudas; quando fechadas levarão um ponto em baixo, assim: *a*, *e*, *o*. U—tem o mesmo som que em portuguez e allemão, e corresponde ao *ou* francez e aos *dous oo* inglez.

O *ã*, *ê*, *î*, *ô*, *û* nasaes, representamos com um til, e lêem-se como em portuguez *am*, *em*, *im*, *om*, *um*.

3.º Ha um som gutural de difficil representação, porque não existe semelhante em nenhuma das linguas europeas, e é o que representaremos pelo *î* tartarico e chinez. Para pronuncial-o abra-se a boca, encolha-se a lingua, contraiham-se os labios, e pronuncie-se o *i* na garganta, e será o som. Este som é o que os grammaticos jesuitas representavam pelo *y*, ou *i* grosso.

4.º Nesta lingua as letras iniciaes das palavras mudam algumas vezes, conforme a palavra é absoluta ou não, segundo regras que ensinaremos na pratica. O *s*, mesmo entre duas vogaes, nunca tem o som de *z*.

5.º Quando o nome parece terminar em consoante, essa consoante é sempre seguida de um *a*, *e*, *i*, *o* breves; a palavra — casar — alguns escrevem *menar*; eü, porém, escrevo *menára*, porque é assim que elles pronunciam, em bora o ultimo *a* seja quasi imperceptivel.

6.º O *h* é levemente aspirado; assim, escrevemos a palavra *tahá* com *h* na ultima syllaba, para indicar que ella é levemente aspirada.

7.º Empregamos o *x* com o som de *ch* em portuguez, francez e inglez, como na palavra *chapeo*, ou com o som do *sch* em allemão.

8.º Casos ha, e mui frequentes, em que concorrem duas syllabas só de vogaes, e como nesse caso a pronuncia seria incerta para quem lesse sem mestre, tomamos o expediente de accentuar cada uma dessas syllabas; assim: *iiúca*, que significa tirar, compõe-se de tres syllabas *iu*, *u*, *ca*, e, para evitar outra confusão que poderia resultar do accento, fique entendido que o ultimo é o tonico da palavra; *uáimã* significa velha; compõe-se de duas syllabas, *uái* e *mã*. Empregamos tambem dous accentos circumflexos sempre que a palavra fór composta de duas outras que separadas tenham significação; assim: *catúreté*, muito bom, de *catú* e *eté*.

9.º Um som nasal é sempre longo; um nasal no fim da palavra indica que nelle está o accento da palavra. Os accentos nesta lingua muito importam, assim como o facto de ser aberta, fechada ou nasal a letra, porque cada uma dessas circumstancias póde alterar o sentido do vocabulo; assim: *tupa* significa rede de dormir, *tupá* raio e *tupã* significa Deos; *tupa-xãna*, corda de rede, e *tupã-xãna*, corda sagrada; *púa*,

cousa redonda; *puá*, levantar, empinar, e d'ahi *itá-pia* prego, *itá-puá*, pedra levantada, em pé, etc.

10. A proposito dos sons nasaes repetiremos a regra dos padres José de Anchieta e Montoya, que é: o som nasal antecedente nasalisa o consequente e vice-versa; assim, a palavra *nheengatú*, que significa lingua boa, compõe-se de *nheê* e *catú*; o *ê* da primeira nasalizou o *ca* da segunda e converteu-o em *engá*.

Nos casos em que uma palavra começar por uma consoante nasal precederemos a tal consoante de um *m*; assim, *mbaé*, leia-se quasi como *umbaé*, sem ferir muito o primeiro *u*.

11. Quando escrevermos *qua*, *qui*, o *u* é liquido; quando o não fór escreveremos ou *kua*, *kui*, ou *cua*, *cui*, e devem-se lêr separadamente duas syllabas.

## § 2º — RESUMO DA GRAMMATICA

1.º *Da declinação.* — Como em portuguez, os nomes se declinam por meio de preposições que, como vão sempre depois do nome, chamaremos posposições, exemplo: Deos, *Tupána*; o genitivo de possessão se conhece porque a cousa possuida é posposta ao possuidor, como no inglez; casa de Deos, *Tupã roca*; para Deos, *Tupã supé*, ou *Tupã arāma*; em Deos, *Tupã upé*; com Deos, *Tupã irūmo*; de Deos, *Tupã cui*; por Deos, *Tupã recé*, ou *Tupána recé*.

2.º O lugar para onde se exprime pela posposição *keté* que alguns dizem *keti*, *kiti*. Eu vou para minha casa: *Xasó ce róca keté*. *Rupi*, por onde: vou a casa pelo rio: *Xasó ce róca heté paraná rupi*.

3.º O lugar de onde alguma cousa vem, pela posposição *çui*; eu venho do Icarahy: *Xa iuri Carai çui*; alguns dizem *xii*.

4.º O lugar onde alguma cousa está se exprime pela posposição *upé* ou *opé*; eu estou na cidade, *Xa ikó mairi upé*. Quando a cousa está dentro, como de gaveta ou caixa, por *pupé*: o anzol está dentro da caixa: *piná oikó patuá pupé*. Em riba—*áripe*; o castiçal está em riba da mesa: *canéalinga-rerú oikó mirá péua áripe*. No chão, sobre o chão; *çui rapé*; *çui* significa chão, terra.

5.º *Adjectivo.* O adjectivo segue o substantivo e declina-se pelo mesmo meio das posposições; o mesmo se dá respeito aos pronomes pessoaes. N'alguns lugares o dativo é expresso por um *u* no fim: *Ixéu paro mim*, *indéu* para ti etc.

O pronome pessoal da 3ª. pessoa do singular faz no dativo *ixupé*, para elle.

O adjectivo se une ao substantivo independente de verbo, assim: minha espingarda é boa—*ce mukáua atú*; se dissessemos: *ce mukáua oikó catú*, o sentido seria—que a minha está agora boa; exprimiríamos por



tanto um attributo actual, e não uma qualidade permanente, como melhor veremos na pratica.

6.º *Dos Numeros.* Os numeros são 4, a saber: *iepé*, um; *mokóin*, dous; *moçapira*, tres; *erundi*, quatro. Com estes 4 elles compõe os mais.

O numeral distributivo se forma repetindo o numeral; assim: um a um: *iepé iepé*; dous a dous *mokóin mokóin*.

7.º *Demonstrativo.* Ha tres: *quhá* este, *nhãhã* aquelle; *nhãhã amũ* aquelle outro. Servem tanto para o masculino como para o feminino.

8.º *Dos numeros:* O plural de todos os nomes se forma accrescentando-lhes esta particula *itá*, que corresponde ao nosso s. Casa *óca*, casas *ócaitá*; parente *anãma*; parentes *anãmailá*. Este *itá* é o *etá* da costa, que se vê escripto nos cathecismos.

9.º Só distinguem generos nas cousas animadas, e estas ou tem palavras proprias para designar o macho e a femea: como irmão *mũ*, irmã *rendêra*, ou então, quando querem designar o sexo masculino, seguem o nome da palavra *apgáua*, que significa macho, ou da palavra *cunhã* femea, assim: cão—*iauíra apgáua*, cachorra *iauíra cunhã*.

10. *Dos interrogativos.* Toda proposição interrogativa tem intercalada uma d'estas particulas: *tahá*, será, lá

Quem, qual? *auá*; que cousa, o que?: *mahã*.

Tanto um como outro é seguido da particula—*tahá* Quem está ahi: *auá tahá oiko ápi?* O que você está fazendo: *mahã tahá remunhã re iko?* O que você viu por ahi: *mahã tahá re mãẽ rupi?* Os interrogativos de tempo, lugar, numero, occasião, razão, são os seguintes: *mairamé*, quando; *mamé*, onde; *mũtra*, quantos? *maí*, como; *mahã récê*, por que. Quando você vem? *mairamé tahá re iuri?* Quantos remeiros vieram? *Mũre iapucuíçára ouri?* Como te chamas? *Maí tahá ne rera?*

11. *Do comparativo e superlativo.*— O comparativo forma-se com a posposição *pire*. Pedro é melhor do que João, *Pedro catu pire João çui*— litteral: Pedro é bom mais João de. O superlativo forma-se com a posposição *eté*, a qual toma r quando é antecedida de vogal; bonito, *poranga*; muito bonito, *poranga reté*.

12. *Do augmentativo e diminutivo.*— Os adjectivos *turuçú*, grande, e *mirin*, pequeno, são de um uso muito frequente nesta lingua. Este *turuçú* em composição perde a primeira syllaba e fica *açú* ou *uaçú*, assim: peixe, *pirá*; balêa, *piráuaçú*; mar, *pará*; oceano, *paráuaçú*. Este nome passou para muitos de logares e plantas na lingua brasileira, assim: *Taquarã*, *Taquaraçú*. O diminutivo é *mirin*; *maracujá-mirin*, maracujá pequeno; rio grande, *paraná*; os canaes do rio grande que ficam apertados entre ilhas: *paraná-mirin*. Um outro diminutivo é o *i* no fim do vocabulo:

taquara, *taquari*, taquara pequena, fina: páo, *imírã*; vara, páo fino: *imírã*.

Pouco, *quáiaira*; muito, *turuçú*: é o mesmo augmentativo que empregam tão bem neste sentido, por ex.: eu quero beber caxaça, *Xá ú putari kãuin*; ponha pouco, *Enun quaiaira*. Ponha muito: *Enun turuçú*.

13. *Dos verbos.* — Os verbos pessoaes tem particulas prefixas que indicam as pessoas. Os grammaticos jesuitas não comprehenderam isto, porque no tempo em que escreveram a philologia estava muito atrasada, e por isso qualificaram estes prefixos de artigos. Estes prefixos tem o mesmo valor que tem as terminações dos verbos em portuguez, latim, francez, etc.; a differença está em que nas nossas linguas a particula está no fim, ou segue a raiz, ao passo que no Tupí e em quasi todas as linguas indigenas do Brazil ella está no principio do verbo, ou antecede a raiz. Convem não confundir a particula pessoal com o pronome pessoal.

Cada pessoa de verbo decompõe-se: 1º, no pronome pessoal; 2º, no prefixo pronominal; 3º, na raiz attributiva: Eu levo, *xe araçó*; tu, *Iné reraçó*; Elle, *Ahé oraçó*; Nós, *Iané iaraçó*; vós, *Pēn peraçó*; Elles, *aetá oraçó*.

Quando se falla a lingua ouve-se, na primeira pessoa, esta palavra: *xaraçó*: *xe* é o pronome pessoal da primeira pessoa, cujo *e* contrahe-se para deixar ficar o som do *a*; *a* é o prefixo pronominal da primeira pessoa; *raçó* é a raiz. No portuguez é a mesma cousa: Eu

levo; eu é o pronome pessoal; *lev* é a raiz, e *o* é o suffixo pessoal da primeira pessoa. A differença, pois, entre o portuguez é apenas a da posição da raiz. Para não fazer distincção entre a escripta e a pronuncia eu escreverei como todos escrevem, isto é, em vez de *Xe araçó*, escreverei *Xa raçó*, neste e sempre que tiver de empregar a primeira pessoa dos verbos pessoaes.

*Actá*, pronome da terceira pessoa do plural, é uma contracção de *ahé*, elle, e *etá* ou *itá* que é signal de plural; vide a regra, n. 8.

No uso dos pronomes pessoaes ha numerosos idiosmismos que, com os exercicios que se seguem, ficarão perfeitamente entendidos, e de que aqui não tratamos para não prejudicar a simplicidade destas regras.

14. *Dos tempos.* — O presente indefinido forma-se pela união do prefixo pessoal á raiz: *Xa mehén*, *re mehén*, *ahé omehén*, *iané iamchén*, *peñ pemehén*, *aitá omehen*, eu dou, tu dás, elle dá, nós, vós, elles dão. O presente definido forma-se pela posposição do auxiliar *ikó*, ser ou estar; assim: eu dou ou estou dando, *Xa mehén xu ikó*; *re mehén re ikó*, *ahé omehén oikó*; *iané iamchén iaiikó*; *peñ pemehén pe ikó*; *aitá omehén aikó*: Eu estou dando, tu, elle, nós, vós, elles.

15. O passado forma-se addicionando a particula *ãn* ou *ãna* ao presente indefinido. Eu dei, *Xa mehén ãna*.

16. O futuro forma-se addicionando a particula *curi* ao presente indefinido: eu darei, *xa mehen curi*.

17. Com o presente, passado e futuro pôde-se em ultima analyse fallar uma lingua, e d'ahi vem talvez que alguns grammaticos antigos disseram que a lingua não tem outros tempos, o que não é exacto. O que se dá é que as raizes de tempo ainda não estão incorporadas ao verbo, ou á raiz attributiva, como succede nas linguas de flexão. Ha os outros tempos, que se formam da maneira seguinte:

18. O preterito imperfeito forma-se do presente definido, interpondo, entre o verbo e o auxiliar, a particula *ramé*, a qual significa quando: *Xa mehen ramé xa ikô* eu dava ou quando eu dava.

19. O futuro imperfeito forma-se do futuro, ajuntando-lhe este mesmo *ramé*: *Xa munhan curi ramé*, quando eu fizer.

20. O futuro perfeito forma-se do perfeito assim: *Xa munhân âna curi ramé*, quando eu tiver feito.

21. O mais que perfeito forma-se do presente indefinido com a addição de *ramé*: *xa munhân ramé*, quando eu fizer, e tambem se eu fizer.

22. Nunca usam do infinito impessoal senão nos verbos impessoaes; o que se vê nos catacismos e sermões dos jesuitas com esta fórma é equivoco proveniente do prejuizo de que todas as grammaticas deviam neces-

sariamente ter as mesmas fórmas que as das linguas aryanas por elles conhecidas; assim, esta oração: para ir para o céu é bom dar esmolas, elles dizem por esta duas fórmas: para gente vae ao céu é bom dá esmolla — *mira oçô arâma huáka keté catú reté omehen Tupâna potâna*; ou então dizem: para nós vamos para o céu é bom nós damos esmolla. — *Iaçô arâma huáka keté catú reté ia mehen Tupâna putâna*.

23. Sempre que quizermos traduzir os infinitos portuguezes, usaremos d'este arâma com as particulas *âna*, ou *curi*, segundo fôr passado ou futuro.

O leitor familiarisar-se-ha sem grande trabalho com essas differenças, por meio dos exercicios. Alguns soldados desertores tenho encontrado que, sem a menor educação litteraria, e só por terem vivido nas aldêas, fallam correctamente a lingua; e pois isto nada tem de difficil.

24. *Idiotismos*. O verbo *putári* querer, tem um mui singular modo de figurar na oração; sempre que elle vem junto com outro verbo, é esse outro verbo que recebe o prefixo pronominal, ao passo que elle fica invariavel, assim: eu quero ir para o Amazonas:

*Xa çô putári Suriman keté*, litteral: eu vou quer Amazonas para.

Quando querem dizer que vão mandar ou ordenar qualquer cousa ajuntam *kári* ao verbo, o qual é por sua vez verbo, que significa mandar; eu vou mandar chamar o meu povo: *Xaçô xa cenôin kári çé miraitá*.

25. *Fôrma reciproca, passiva e activa dos verbos.* O *réciproco* é formado pelo prefixo *iú* unido ao verbo.

O verbo neutro fica activo ajuntando-lhe o prefixo *mu* (*mo*); apagaste o fogo? *Remuêu ána será tatá?* O fogo apagou-se: *tatá uêu ána.*

26. *Negações.* A fôrma negativa nos verbos obtém-se antepondo a negação *intí*, ou *intí mahã*; eu quero: *Xa putári*; eu não quero, *intí xa putári*, ou *intí mahã xa putári.*

Um adjectivo ou substantivo fica negativo ajuntando-se-lhe o suffixo *ima*; *catú* bom, *catúima*, sem bondade; *akãga* cabeça; *akãgaima* sem cabeça ou louco; *aquí* entendimento, *aquíma* idiota; *teçá* olho *ceçáima* cego.

27. *Conjugação de nomes.* É uma particularidade d'esta lingua o poder-se exprimir os nomes no presente e no passado, e nisto ella é igual a todas as linguas indígenas americanas, e diversa de muitas linguas europeas: cabeça *akãnga*; cabeça que foi mas d'aqual resta alguma cousa que já não é cabeça, *caveira*, *akanguêra.*

A pelle do animal em quanto está no corpo d'elle e tem vida, *pi*, depois de tirada do corpo *pirêra*; a carne do animal emquanto está no corpo com vida sóo, fóra do corpo: *çoo* quêra.

*Conclusão.* Para não complicar estas regras, que são as principaes, deixamos para o fim da parte pra-

tica, as relativas a formação de nomes e alterações que elles soffrem segundo são absolutos ou relativos, porque, depois de ter passado os exercicios, a regra ficará clarissima, ao passo que, exposta agora, pareceria difficil.

Devemos observar que as vezes escreveremos alguns nomes de diversas maneiras; assim: *etá* e *itá*, que um e outro são a mesma cousa e signal de plural — e o fazemos de proposito porque se os ouve geralmente de ambos os modos. O *a* nasal escreveremos algumas vezes *an*, outras *ã* como *akãnga* e *akãga*. — cabeça — para familiarisar o leitor com pronuncias que são ora mais ora menos carregadas segundo as localidades em que se usa da lingua.

M, P, B frequentemente se substituem n'esta lingua. Aconselhamos a quem a quizer estudar, que leia sempre alto, e habitue-se a julgar do sentido das palavras pelo som que ouve e não pela letra que ve.

LIÇÃO PRIMEIRA

Esta lingua não tem artigo definido. (\*)

Ter	Rekó
Tem você?	Rerekó será?
Sim, senhor, eu tenho.	Cupí tenhén xa rekó.
A espingarda.	Mukáua.
Tem você a espingarda?	Rerekó será mukáua.
Sim, senhor, eu a tenho.	Cupí, tenhén, xa rekó mukáua.
O pão.	Miapé.
O sal.	Iukára.
A farinha.	Uhi.
O mel.	Íra.
Batata.	Iutíca.

Os prefixos pronominaes, que antecedem os verbos, fazem n'esta lingua o effeito das nossas termi-

(\*) Recommendamos muito ás pessoas que lerem este curso, de o não fazer sem primeiro estudar o modo de lér e pronunciar as palavras, do que tratamos na parte syntethica, § 1.º de n. 2 a n. 10, e recordamos que o r é sempre brando; que ã, ê, ÿ, õ, û, leem-se como an en in on un; que o s nunca tem som de z nem

nações, e é por elles que se determinam as pessoas dos verbos, assim: eu tenho, tú, elle: arekó, rerekó, orekó. a—é o prefixo que indica a 1.ª pessoa;—re—o que indica a 2.ª e—o—o que indica a 3.ª Vide a regra 13 do § 2.º da 1.ª parte.

Minha espingarda.	Ce mukáua.
Meu pão.	Ce miapé.
Tem você a minha espingarda?	Iné rerekó será ce mukáua.?
Sim, senhor, tenho vossa espingarda.	Cupí tenhén, xa rekó ne mukáua.
Tem o seu pão?	Iné rerekó será ne miapé (meapé)?
Tenho o meu pão.	Xa rekó ce miapé.

Em todas as phrases interrogativas vem uma destas particulas: *será, tá, tahá, ou pá*, cujo emprego o uso ensinará. E' a unica distincção que ha entre as phrases interrogativas e as affirmativas a presença de uma dessas particulas, como já ficou visto nas orações precedentes, e sel-o-ha constantemente nas outras.

Essas particulas muitas vezes substituem o verbo da oração, como veremos praticamente.

mesmo entre duas vogaes: que um ponto em baixo das vogaes *a, e, o* quer dizer que taes vogaes são fechadas; usamos do—ç—com sedilha antes de a o u, e tem o som de—s—pela razão que daremos no capitulo final em que tratamos da pronuncia—prosodia e orthographia. Raras vezes usamos do—s—porque a lingua em geral repelle o sibillo que lhe é proprio.

Que ?	Mahá tahá?
Que espingarda tem você?	Mahá mukáua tahá rerekó?
Eu tenho a minha, espingarda.	Xá rekó cemukáua.
Que pão tem você?	Mahá miapè tahá rerekó?
Tenho o seu pão.	Xa rekó nè miapè.

Os pronomes pessoaes: eu *xé* ou *ixé*, tu *né* ou *iné*, elle *ahé*, nós *ixné*, vós *penhè*, elles *aitá* (aetà) nem sempre são expressos, excepto na 1ª pessoa, em que elle é quasi sempre expresso, se bem que contraia em si o prefixo pronominal dessa 1ª pessoa. Assim: *Xá rekó* é uma contracção de *Xé a rekó*.

A's vezes, para darem mais expressão e energia á phrase, empregam o pronome duas vezes, uma sem, e outra com a contracção; assim: *Ixé xa rekó*; *Iné rerekó*, eu tenho, tu tens,

## THEMA

Tem você o pão? — Sim, senhor, eu tenho o pão. — Tem você o seu pão? — Tenho o meu pão. — Tem você o sal? — Eu tenho o sal. — Tem você o meu sal? — Tenho o seu sal. — Tem você a batata? — Tenho a batata. — Tem você a sua batata? — Que batata tem você? — Tenho a sua batata. — Tem você o seu mel? — Tenho o meu mel. — Que mel tem você? — Tenho o seu mel. — Que farinha tem você? — Tenho a minha

farinha. — Tem você a minha farinha? — Tenho a sua farinha. — Que pão tem você? — Tenho o meu pão. — Que sal tem você? — Tenho o meu sal.

## NHEENGATU' OU TUPI'

*Rerekó* será miapé? — Cupí tenhè, xa rekó miapé. (\*)  
 — *Rerekó* será nè miapé? — Xa rekó cè miapé. — Nè rerekó será iukíra? — Xa rekó iukíra. — *Rerekó* será cè iukíra? — Xa rekó nè iukíra. — *Rerekó* será iutíca? — Xa rekó iutíca. — *Rerekó* será nè iutíca? — *Mahá iutíca tahá rerekó?* — Xa rekó nè iutíca. — *Rerekó* será nè íca? — Xa rekó cè íra. — *Mahá íra tahá rerekó?* — Xa rekó nè íra. — *Mahá uhí tahá rerekó?* — Xa rekó cè uhí. — *Rerekó* será cè uhí? — Xa rekó nè uhí. — *Mahá miapé tahá rerekó?* — Xa rekó cè miapé. — *Mahá iukíra tahá rerekó?* — Xa rekó cè iukíra, (jukíra). (\*)

(\*) Por falta de letras do alphabeto phonetico deixaremos de empregar os signaes que indicam que a letra é fechada em uma palavra desde que a tal palavra tenha sido anteriormente escripta muitas vezes com os taes signaes.

(\*) Sempre que pusermos um nome tupi entre parenthesis, entenda-se ser uma variante de alguns dialecto geral a qual é necessario conhecer para queo vocabulo não fique ignorado pela pessoa que o ouvir.

## LIÇÃO SEGUNDA

Tem você a minha espingarda ? Ne rerekó será ce mukáua ?  
 Sim, senhor, eu a tenho. Çupí tenhên, xa rekó ahé.

Em nhehengatú não se usa d'esta expressão : *sim senhor* ; dizem simplesmente—*ê ê*—*sim*. Esta *ê ê* passou para o uso familiar dos brasileiros, os quaes, quando conversam, usam d'elle em lugar de *sim*.

O que se usa n'esta lingua, que é muito laconica, quando se responde afirmativamente a qualquer pergunta é—*na verdade*, por—*sim senhor*. Assim : *çupí tenhên xa rekó ahé*, quer dizer, palavra por palavra : Verdade, sim, eu tenho ella.

Bom.	Catú.
Máu.	Puxí.
Bonito.	Purānga (pōrānga).
Feio.	Puxí.
Velho, estragado.	Açua.
Velho, (homem.)	Tuiúé.
A rede (de dormir).	Kiçáua.
A rede de pescar.	Piçá.
O páo, a madeira.	Mĩrá.
A linha, o fio.	Inimũ (inimbó).
O cão.	Iauára (jaguára).
Tem você o cão bonito?	Rerekó será iauára purānga ?
Animal domestico.	Cerimáu (xerimbábo).

Não. Intimahã, ou somente intí quando vem a negação junta ao verbo.  
 Não tenho. Intí mahã xa rekó.  
 Eu tenho o páo. Xa rekó miapé.  
 Tem você a minha espingarda velha ? Rerekó será ce mukáua açua ?  
 Não senhor, eu não a tenho. Intimahã xa rekó ahé.

Que ? | Mahã tahá ?

*Mahã* quando nos referimos a cousas inanimadas, ou a animaes irracionaes ; quando porém, o—que—se refere a homem, será traduzido por *auá*.

Que linha tem você ? Mahã inimũ tahá rerekó ?  
 Eu tenho a boa linha. Xa rekó inimũ catú.  
 Que cão tem você ? Mahã iauára tahá rerekó ?  
 Tenho o meu bello cão. Xa rekó ce iauára purānga.

De. | Çuí, çuí uára, Xiiuára.

Quando o—de—significa a materia de que alguma cousa é feita, traduz-se por dous modos: ou antepõe-se o objecto que é feito da tal materia, como *kicé* faca,

pedra *itá*, faca de pedra *itá kicé*; ou então se diz: *kicé itá cuiuára*.

Algodão.	Amaníú (amanijú).
Linha de algodão.	Inim̄ amaniú xiúára, ou amaniú inim̄.
Espingarda de ferro.	Mukáua itá xiúára.
Espingarda de páo.	Mukáua m'rá xiúára.
Que espingarda tem você?	Mahá mukáua tahá re- rekó?
Tenho a espingarda de páo.	Xa rekó mukáua m'rá xiúára.
Que fio tem você?	Mahá inim̄ tahá re- rekó?
Eu tenho o meu fio de algodão.	Xa rekó <i>çé</i> inim̄ ama- niú xiúára.
Tem você o meu sapato de couro?	Ne rerekó será <i>çé</i> sapa- tú piréra xiúára?
Não, senhor, não o tenho.	Intimahã xa rekó ahé.

## THEMA

Tem você o meu bello animal? — Sim, senhor, tenho-o. — Tem você a minha rêde velha de pescar? — Não, senhor, não a tenho. — Que cão tem você? — Tenho o seu bonito cão. — Tem você a minha farinha ruim? — Tem você a boa rêde de dormir? — Tem você a minha espingarda feia? — Que espingarda tem você? — Tenho a sua bella espingarda. — Que rêde tem você? — Tenho a sua rêde de algodão. — Tem voce a

minha rêde de algodão? — Não tenho a sua rêde de algodão. — Que espingarda tem você? — Tenho a espingarda de páo. — Tem você a minha espingarda de páo? — Tem você o bom páo? — Não tenho o bom páo. — Que rêde de pescar tem você? — Tenho a minha bella rêde de couro. — Que batatas tem você? — Tenho boas batatas. — Que mel tem você? — Tenho mel de páo.

## NHEHENGATU' OU TUPÍ'

Ne rerekó será *çé* xerimbáu puránga? — Xa rekó ahé. — Rerekó será *çé* piçá a'ua? — Intimahã xa rekó ahé. — Mahá iauára tahá rerekó? — Xa rekó *ne* iauára puránga. — Ne rerekó será uhí a'ua? — Ne rerekó será kiçáua catú? — Ne rerekó será *çé* mukáua puxí? — Mahá mukáua tahá rerekó? — Xa rekó *ne* mukáua puránga. — Mahá kiçáua tahá rerekó? — Xa rekó *ne* amaniú kiçáua. — *Ne* rerekó será *çé* amaniú kiçáua? — Intimahã xa rekó *ne* amaniú kiçáua. — Mahá mukáua tahá rerekó? — Xa rekó m'rá mukáua. — Rerekó será *çé* m'rá mukáua? — Rerekó será miapé catú? — Mahá piçá tahá rerekó? — Xa rekó *çé* piçá puránga piréra xiúára. — Mahá iutíca tahá rerekó? — Xa rekó iutíca catú. — Mahá íra tahá rerekó? — Xa rekó m'rá íra.



## LIÇÃO TERCEIRA

Tem você alguma coisa?	Rerekó será mahã?
Tenho alguma coisa.	Xa rekó mahã.
Não, nada.	Intimahã, mahã.
Não tenho nada.	Ixé intimahã mahã xa rekó.
O vinho.	Kaã piránga (pirain).
Meu dinheiro.	Cê cuiára.

Ouro.	Oro (itajúbá). <i>Os indígenas, não conhecendo nenhum metal, não tinham termos especiaes para disignal-os. Os jesuitas traduziram por itajubá, em tupi da costa, e a palavra quer dizer: pedra amarella.</i>
Cordão, corda.	Tupaçãma,—ou xãma.
Corda do arco.	Uirapára xãma.

Saquinho que trazem dependurado ao pescoço, onde guardam o fuzil e pertences de tirar fogo.

Caldo.

Beijú (*é vacabulo indigena que passou para o portuguez.*)

Tanga de penna com que se enfeitam.

Matirí.
Iúkicé.
Bejú ou meiú.
Kuá xãma, (corda da cintura).

Ou.	Ou. ( <i>Ignoro qual era a forma primitiva; a usada é hoje esta.</i> )
Tem você o meu anzol ou o do meu parente?	Rerekó será cê piná, ou cê anãma piná?
Tenho o do meu parente.	Xa rekó cê anãma piná.
Tem você o meu pão ou o do padeiro?	Rerekó será cê miapé, ou miapé-munhangára miapé?
Tenho o de você.	Xa reko ne miapé.
Não tenho o do padeiro.	Intimahã xa rekó miapé munhangára miapé.

Meu, minha cousa.	Cê, cê mahã.
Teu, tua cousa.	Ne, ne mahã.
Sua, cousa delle.	I, i mahã.
Tem voce as minhas cousas?	Rerekó será cê mahã.
Não; eu tenho as cousas delle.	Intimahã; xa rekó i mahã.

Tem você calor?	Çacú será iné?
Tenho calor.	Ixé çacú.
Não tenho calor.	Ixé intimahã çacú.
Tem você frio?	Ne rué será?
Não tenho frio.	Ixé intimahã cê rué.
Tem você medo?	Re cekjê será?
Não tenho medo.	Ixé intimahã xa cê kjê.
Tenho medo.	Ixé xa cekjê.

## THEMA

Tem você a minha espingarda ou a sua? — Não tenho nem a minha nem a sua. — Tem você a minha

corda de algodão ou a de meu irmão? — Não tenho nem a sua nem a de seu irmão? — Que corda tem você? — Tenho a corda do anzol. — Tem você guaraná ou vinho? — Não tenho nem guaraná nem vinho. — O menino tem a espingarda; o menino não tem; o rapaz a tem. — Que tem você? — Eu tenho somente calor.

## NHEHENGATU'

Rerekó será *çé mukáua*, o *ne mahá*? — Intí *xa rekó çé mukáua*; *iúre intí xarekó ne mukáua*. — Rerekó será *çé mû tupaxáma*, o *amaniü-xáma*? — Intí *xa rekó ne mahá*; *intí xa rekó ne mû tupaxáma*. — *Mahá tupaxáma tahá rerekó?* — *Xa rekó pináxáma*. — Rerekó será *uaraná* ou *kaûi piranga*? — Intí *xa rekó uaraná*, *intí xa rekó kaûi pirãnga*. — *Táina orekó mukáua*; *táina intí orekó mukáua*; *kurumî uacú orekó ahé*. — *Máhata rerekó?* — *Anhã tenhê ixé çé racú*.

## LIÇÃO QUARTA

Este.	Quahá.
Este anzol.	Quahá piná (pindá).
O cão.	Iauára.
O alfaiate.	Ropa munhangára (o fazedor de roupa).
O padeiro.	Miapé munhangára (o fazedor de pão.)
O visinho.	Ruaké-uára.
O amigo, o parente.	Anãma.
Compatriota.	Retãma-uára (o que come na minha terra).

O genitivo de possessão se expressa, como em inglez, antepondo o possuidor ao nome da cousa possuida; pela mesma fórma se expressa, como já vimos, a materia de que alguma cousa é feita.

Couro de cão.	Iauára pirera.
Tesoura do alfaiate.	Xirora-munhangára pirãha.
O pão do padeiro.	Miapé-munhangára miapé.
A casa do meu parente.	Ce anãma róka.

Como os Tupís não tem artigo definido tambem não tem estas expressões: *o do, os dos, a da, as das*. E' necessario dizer o nome a que se refere o artigo, e então elle fica em genitivo pelo methodo ensinado na regra

— Não tenho nada bonito. — Tem você frio? — Eu tenho frio. — Tem você calor? — Não tenho calor. — Tem sede? — Não tenho sede, tenho fome. — Tem fome ou tem somno? — Eu tenho sede, eu tenho fome, eu tenho somno. — Que tem você bonito? — Tenho o lindo cão de meu irmão.

## NHEENGATU'

Rerekó será quahá piná? — Intimahá xa rekó ahé.  
— Mahá piná tahá rerekó?

Xa rekó ce anáma mahá. Rerekó será ce m'ra çanga, ou ce anáma mahá?

Xa rekó ne kamarára mahá. Rerekó será miapé, ou miapé-munhangára mahá? — Intí xá rekó ne mahá; xa rekó miapé-munhangára mahá. — Rerekó será ce ruakí-uára akangatára? — Intimahá xa rekó ahé. — Mahá iauára tahá rerekó? Xa rekó miapé munhangára mahá — Rerekó será ne akangatára, ou ce anáma mahá? — Xa rekó ce mahá. — Rerekó será ce iauára-xáma? — Intimahá xa rekó ahé. — Mahá tupixáma tahá rerekó? — Xa rekó ce amaniú-xáma. Rerekó será ce m'ra matiri, ou ne mahá? — Xa rekó ne m'ra mahá. — Mahá café tahá rerekó? — Xa rekó ce ruakí-uára mahá. — Rerekó será ne iauára, ou apgáua mahá? — Xa rekó apgáua mahá. — Rerekó será ne kamarára cecuíára? — Intimahá xa rekó ahé. — Ne roí será? Ixé ce roí. — Ne cek'ié será? — Ixé intimahá ce k'ié. — Ne çacú será? — Ixé

intimahá çacú. — Ne repocí será? — Ixé intimahá ce repocí; ixé ce iúmací. — Iné i cei será? — Ixé intimahá ce i cei.

Rerekó será ce matiri, ou xirora-munhangára mahá? — Rerekó será ce uirapára, ou ce ruakí-uára mahá? — Xa rekó ne mahá. — Ne rerekó será ne piná, ou ce mahá. — Xa rekó ce mahá. — Rerekó será ne iut'ca, ou ce mahá? — Xa rekó ne m'ra mahá. — Mahá miapé tahá rerekó? — Xa rekó xirora-munhangára mahá. — Mahá ce' tahá rerekó? — Xa rekó m'ra-ira. — Rerekó será ce uirapára m'ra a'ua? — Intimahá; xa rekó ne anáma mahá. — Rerekó será ce m'ra-mukáua, ou ce m'ra mahá? — Xa rekó ne mahá. — Mahá uhi tahá rerekó? — Xa rekó maniacá uhi. — Maháta rerekó? — Intimahá xa rekó mahá. — Rerekó será apgáua amú mahá? — Xa rekó ne anáma-ita mahá. — Rerekó será amú mahá puxí? — Intimahá xa rekó mahá puxí. Mahá purain tahá rerekó? — Ne roí será? — Ixé ce roí. — Çacú será iné? — Ixé intimahá çacú. — Ne i cei será? — Intimahá ce i cei; ce iúmací. — Ne iúmací será ou repocí será? — Ixé ce i cei, ce iúmací, ce repocí. — Mahá purain tahá rerekó? — Xa rekó ce m'ra iauára purám.

## LIÇÃO QUINTA

O comprador.	P repāna-çara.
Sapateiro.	Sapatú munhângara.
Menino, (moço).	Curumî.
Menino (pequeno).	Taina.
Guaraná.	Uarana.

Tem você o cacete do comprador ? Rerekô será pîrepana-çara mîrâçãnga ?

Não, nem.

*Iû're. (este iû're significa — e — ; empregam-nos nos casos em que nós empregamos o nem, e então, a phrase traduzida ao pé da letra, fica assim : — não tenho isto e não tenho aquillo — o que equivale dizer : — não tenho isto e nem aquillo).*

Não tenho nem o cacete do comprador nem o meu.

Intimahá xa rekô pîrepanaçara mîrâ çãnga, iû're intimahá xa rekô çe mahá.

Tem você fome ou sede ?

Re iumacî será ô ne î ceî será ?

Tem você calor ou frio ?

Ne çacú será, ô ne roi será ?

Não tenho calor nem frio.

Ixé intimahá çacú, iû're ixé intimahá çe roi.

Tem você vinho ou pão ?	Rerekô será kãûi pîranga ô miapê ?
Não tenho vinho.	Intî xa rekô kãûi.
Não tenho a minha linha de anzol.	Intimahá xa rekô çe pînâxãma.
Cesto.	Panacú.
Caixa.	Patuá.
Mesa.	Mîrâ péua. (*)
Mel.	Îra.
Algodão.	Amaniû.
Caixinha.	Patuá-mirî.
Carpinteiro.	Mîrâ iûpõaçara.
Ferro de cóva.	Tac'ra.
Prego.	Itapiã.
Prego de ferro.	Itapiã itáxiuara.

Que tem você ?

Mãhata rerekô ?

Não, nada.

Intimahá.

Não tenho nada.

Intimahá mahá.

## THEMA

Não tenho fome e não tenho sede. Não tenho frio e não tenho calor. Tem você frio ? Não ; tenho sede. Tem você sede ? Não ; tenho fome. Tem você o meu cesto ? Não tenho o seu cesto ; tenho a sua caixa. — Que caixa tem, é a caixinha ?

(\*) Mîrâ *madrira*, péua — *chata*.

## NHEENGATU'

*Ixé intimahã ce iúmaci nê cê i cêi. Ixé intimahã ce roí nê sacú.—Nê roí será?—Intimahã ; cê i cêi. Nê i cêi será? Intimahã ; ce iumaci. Rerekó ce panacú.—Intimahã ; xa rekó nê patuá.—Mahã patuá tahá rerekó, patuá-mirin ?*

Tem você fome?	Nê iumaci será?
Eu tenho fome.	Ixé ce iúmaci.
Eu não tenho fome.	Intí mahã ce iúmaci.
Tem você sede?	Nê i cêi será?
Não tenho sede.	Intí mahã ce i cêi.
Tem você somno ?	Nê repoci será?
Tenho somno.	Ixé ce repoci.
Não tenho somno !	Intí ce repoci.

Alguma cousa boa.	Mahã catú.
Tem você alguma cousa boa?	Rerekó será mahã catú?

Não, nada máo.	Intimahã, mahã puxi.
Não tenho nada bom.	Intimahã xa rekó mahã catú.
Tem você alguma cousa bonita?	Rerekó será mahã puránga? (purãin).
Não tenho nada bonito.	Intimahã xa rekó mahã puránga.

O que?	Mahã tahá ?
Que tem você?	Mahã tahá rerekó ?
Que tem você de bom?	Mahãta rerekó catú ?
Tenho bom caldo (de carne).	Xa rekó çuú (sôô) iukicé catú.

## THEMA

Tem você o meu bom vinho?—Tenho-o.—Tem você o ouro?—Não o tenho.—Tem você o dinheiro?—Tem você a corda do arco?—Não, senhor, não a tenho.—Tem você o seu facho de pescar?—Sim, tenho-o.—Que tem você?—Tenho o bom beijú.—Tenho a minha tanga.—Tem você o meu matiri?—Que matiri tem você?—Tenho o seu matiri.—Que corda tem você?—Tenho a corda do arco.—Tem você alguma cousa?—Tenho alguma cousa.—Que tem você?—Tenho o bom pão.—Tenho o bom mel.—Tem você alguma cousa boa?—Não tenho nada bom.—Tem você alguma cousa bella?—Não tenho nada bello.—Tenho alguma cousa feia.—Que tem você feio?—Tenho o cão feio.—Tem você alguma cousa bonita?—Nada tenho bonito.—Tenho alguma cousa velha.—Que tem você velho (estragado)?—Tenho o beijú velho.—Tem você sede?—Não tenho sede.—Tem você fome?—Não tenho fome; tenho fome.—Tem você somno?—Não, senhor, não tenho somno.—Que tem você bello?—Tenho o seu bello cão.—Que tem você máo?—Não tenho nada máo.—Que farinha tem você?—Tenho boa farinha de sua casa.—Tem você o meu

bello papagaio? — Sim, senhor, tenho o seu bello papagaio.

## NEHENGATU' OU TUPÍ'

Rerekó será *çē kāwā* pirānga (purāin) catú? — Xa rekó ahé. — Intimahā xa rekó ahé. — Rerekó será *çē kuiuára*? — Rerekó será uira-pára xáma? — Intimahā xa rekó ahé. — Rerekó será *ne turí*? — Xa rekó ahé. — Mahā tahá rerekó? — Xa rekó bejú catú. — Xa rekó *çē kuá-xáma* (póra). — Rerekó será *çē matirí*? — Mahā matirí tahá rerekó? — Xa rekó *ne matirí*. — Mahā tupá-çama tahá rerekó? — Xa rekó uira-pára-xáma. — Rerekó será mahā? — Xa rekó mahā. — Mahā tahá rerekó? — Xa rekó miapé catú. — Xa rekó ira catú. — Rerekó será mahā catú? — Intimahā xa rekó mahā catú. — Rerekó será mahā purāin? — Intimahā xa rekó mahā purāin. — Xa rekó será mahā puxí? — Mahā tahá rerekó puxí? — Xa rekó iáuára puxí. — Rerekó será mahā purāin? — Intimahā xa rekó mahā purāin. — Xa rekó mahā ajuá. — Māhata rerekó ajuá? — Xa rekó meiu ajuá. — *Ne i çēi* será? — Intimahā *çē i çēi*. — Re iumacé será? — Intimahā *çē iú meeç*; *ixé çē iúmacé*. — *Ne repocé* será? — Intimahā *çē repocé*. — Māhata rerekó será purānga? — Xa rekó *ne iauára purāin*. — Māhata rerekó puxí? — Intimahā xa rekó puxí. — Māhata uhí tahá rerekó? — Xa rekó uhí catú *ne róka çuí*. — Rerekó será *çē parauá purāin*? — Çupí *tenhén*, xa rekó *ne parauá purāin*.

## LIÇÃO SEXTA

O boi.  
O biscoito.

Tapiira.  
Meiú (bejú), (Não é propriamente biscoito, mas é o que entre os selvagens substitue a isso.

Cosinheiro.  
A vacca.

Timiú munhangára. (\*)  
Tapiira cunhá. (\*)

Tenho eu.  
Você tem.  
Tenho eu fome?  
Você tem fome?  
Você não tem fome?  
Tenho eu medo?  
Você não tem medo?  
Tenho eu vergonha?  
(estou com).

Você não tem vergonha.  
Você tem vergonha?  
Eu tenho vergonha.  
(estou com).

Xa rekó será?  
Indé, (ou ne) rerekó.  
Çē iumacé será?  
Indé reiúmacé.  
Indé intí reiúmacé.  
Ixé xaçekçié será?  
Intí recekçié.  
Xá tã xaikó será?

Intimahā reti.  
Re tã será?  
Ixé xa tã xa ikó.

Tenho eu um prego? (dizem: tenho prego, e não: tenho um prego).

Você tem um prego.  
Você não tem um prego.

Ixé xa rekó será itá-púa?

Rerekó itá-púa.  
Intí rerekó itá-púa.

(\*) Timiú comida, munhangára, o que faz.

(\*) Tapiira boi, cunhá femca.

Tenho eu alguma cousa boa?	Ixé xa rekó será mahá catú?
Você não tem nada bom. Que tenho eu?	Intí rerekó mahá catú. Māhata xa reko?
Você o tem.	Rerekó.
Eu o tenho.	Ixé xa rekó.
Não tenho. (Commumente elles não dizem: não tenho; e laconicamente: não.	Intimahá.
Manteiga.	Ikáua.
Faca.	Kicé.
Feio.	Puxiuéra.
Tenho eu a sua manteiga ou a minha?	Ixé xa rekó cê ikáua, o nê ikáua?
Eu tenho a sua manteiga.	Xa rekó nê ikáua (ou nê káua).

Quem?	Auá?
Quem tem?	Auá tahá orekó?
Quem tem o meu arco de frechar?	Auá tahá orekó ce uirá-pára?
O homem o tem.	Apgauá orekó ahé.

O rapaz o tem.	Kurumî uaçú orekó ahé.
A gallinha.	Sapucáia.
O barco, o navio.	Maracati.
O joven.	Kurumî.
A moça.	Kanha-mucú.
Elle tem.	Ahé orekó.
Elle não tem.	Ahé intí orekó.
Tem elle?	Ahé orekó será?
Elle não tem?	Ahé intí orekó será?
O homem tem?	Apgáua orekó será?

Tem elle a faca?	Ahé orekó será kicé?
O homem tem fome?	Apgáua iumaci será?
Elle está com fome.	Apgáua iumaci oikó.
Elle não tem fome, nem sêde.	Ahé intimahá o iumaci.
O homem tem medo ou vergonha?	Ahé intimahá i cei.
	Apgáua ocehié será, o oti sera?

O milho.	Auati.
O arroz.	Auatií.
Feijão.	Cumandá (cumaná).
Fava.	Cumandá uaçú.
Mandioca.	Maniáca.

O possessivo *seu*, referindo-se a terceira pessoa, traduz-se antepondo um *i* ao nome possuido; assim, seu cão (d'elle), *i iauára*. Algumas vezes antecede-se o nome de um *c*, assim: casa, *óca*; casa d'elle, *çóca*.

Vassoura.	Tapixáua.
Passaro.	Uirá.
Pé.	Pi.
Olho.	Ceçá.
Teu olho.	Ne ceçá.

O escravo, o vassalo, o criado.	Miaçúa.
Tem o criado a caixa d'elle ou a minha.	Miaçúa orekó será i patuá o ce mahá?
Elle tem a sua.	Ahé orekó i mahá.

Alguem.	Amú auá.
Tem alguem a minha espingarda?	Amú auá orekó será ce mukáua?
Alguem a tem.	Amú auá orekó ahé.
Alguem tem o meu mi- lho?	Amú auá orekó será ce auatí?
Alguem o tem.	Amú orekó ahé.

Ninguem.	Intí auá.
Quem tem o meu cacete?	Auá tahá orekó ce mi- ráçanga?
Ninguem o tem.	Intí auá orekó ahé.

## THEMA PORTUGUEZ E TUPI' (\*)

Quem tem a minha caixa? — Auá tahá orekó ce patuá? — O rapaz a tem. — curumí uacú orekó ahé. — Tem você sede ou fome? — Iné re i cei será, o re iumacé será? — Não tenho sede e nem fome. — Intimahã ce i cei, intimahã ce iumacé. — Tem o homem a gallinha? — Apgáua orekó será çapucáia? — Não; elle tem o seu milho (d'elle). — Intimahã; ahé orekó iauatí. — Quem tem a minha faca? — Auá tahá orekó ce kicé? — Ninguem tem a tua faca. — Intí auá orekó ne kicé. — De noite a água mete medo? — Pitúna ramé iauáité i será? — De noute a água mete medo — Pitúna ramé iauáité i. — Você tem medo

(\*) Juntamos aqui a traducção depois de cada oração para facilitar a confrontação aos que principiam. Devem, porém, copiar o portuguez somente, fazer por si a traducção e depois confrontal-a com a que aqui damos.

d'elle? — Recekjé será i qui? — Eu não tenho medo d'elle. — Intimã xa cekjé i qui. — Você tem favas? — Rerekó será cumaná uacú? — Elle tem milho e mandioca. — Ahé orekó auatí e maniáca. — Que vassoura tem você? — Mahã tapixáua tahá rerekó? — Eu tenho a vassoura de piassava. — Xa rekó tapixáua piaáçua qui-uára. — Quem tem a minha flecha? — Auá tahá orekó ce ruçua. — Quem tem a flecha d'elle? — Auá tahá orekó çuçua? — Ninguem tem a d'elle; eu só tenho a tua. — Intí auá orekó çuçua; ixé nhã xa rekó ne ruçua.

Elle tem olhos bonitos? — Ahé orekó será ceçá puranga? — Elle tem olhos feios. — Ahé orekó ceçá puxí. — Quem tem frio? — Auáta ruç oikó? — Ninguem tem frio. — Intí auá ruç oikó. — Alguem tem calor? — Amú auá çacú será? — Ninguem tem calor. — Intí auá oçacú oikó. — Quem tem o meu? — Auá tahá orekó ce mahá? — Ninguem tem o teu; só tem o d'elle. — Intí auá orekó ne mahá; orekó anhã i mahá. — O que elle tem? — Mäháta orekó? — Tem o d'elle — Orekó i mahá. — Tem alguem a minha espingarda? — Amú auá orekó será ce mukauá? — Ninguem a tem. — Intí auá orekó ahé. — Tem elle? — Ahé orekó será? — Elle não tem nada. — Ahé intimahã mahá orekó. — Tem elle o prego? — Ahé orekó será itapúa? — Não tem nem o seu, nem o d'elle. — Ahé intí orekó ne mahá, nem i mahá. — O rapaz tem o arco do teu irmão, ou o teu? — Curumí uacú orekó será ne mū uirapára, o ne mahá? — Elle tem o teu e o d'elle. — Ahé



orekô ne mahá, e i mahá. — Quem tem medo? — Auáta ocekíié? — Alguem tem medo. — Amú auá ocekíié. — Elle tem somno? — Ahé opocá será? — Você tem o meu anzol? — Ne rerekô será ce piná? — Eu não tenho o teu, tenho o d'elle. — Intí mahá xa rekô ne mahã; xa rekô i mahá. — Elle tem alguma cousa? — O rekô será mahã? — Elle não tem nada. — Inti-mahã orekô mahá. — Quem tem o meu arco de páo? — Auá tahá orekô ce uíra pára mîrá çuí-uára? — Alguem tem o seu arco de páo. — Amú auá orekô ne uíra pára mîra çuí-uára.

## LIÇÃO SETIMA

O marinheiro.

Sua arvore.

Seu (d'elle) espelho.

Aljava.

Seu pente.

Sua esteira.

A pistola.

O estrangeiro.

Este. Aquelle.

Çurára paraná-póra (soldado que mora no mar). (\*)

I ãua.

I uáruá.

Uíua-rerú.

I kiúáua.

I tupé.

Mukáua-miri (espingardinha).

Amú-tetãma-uára.

Quahá. Nhehã.

Seu—traduz-se por—*i*—anteposto ao nome, quando este não começa por *t* ou *r*—Quando começa por *t* ou *r*—perde este e toma em seu lugar um—*ç*—; assim: —reçá—olho; olho d'elle—ceçá; róca—casa; çóca—casa d'elle.

Este boi.

Esta herva.

Este homem.

Este viado.

Quahá tapiíra.

Quahá capíi.

Quahá apgáua.

Quahá çuaçú.

(\*) A palavra *çurára* é corrupção do portuguez soldado; é porém a que está em uso.

Você tem este boi ou aquelle?

Tenho este; não tenho aquelle.

Tenho eu este ou aquelle?

Você tem este; você não tem aquelle.

O homem tem esta pistola ou aquella?

Elle tem esta e não tem aquella.

O grão, a semente, o caroço.

Tem você o meu espelho ou o d'elle?

Eu tenho aquelle, mas não tenho este.

Eu não tenho aquelle, mas tenho este.

A moça tem este espelho ou aquelle?

Ella tem este e tem aquelle.

Que (relativo) traduz-se por uáhá, a que na fronteira do Perú, valle do Amazonas, dão o som de ahá. Este que (relativo) vai para o fim da oração, o que é necessario observar, por ser uma das construcções peculiares ás linguas americanas e que não tem simile em nenhuma das europeas; assim: Você tem a flecha que meu irmão me mandou? Com a construcção tupi

Rerekó será quahá tapiira o nhahã.

Xa rekó quahá; inti xa rekó nhahã.

Xa rekó será quahá, o nhahã?

Indé rerekó quahá; inti rerekó nhahã.

Apgáua orekó será quahá mukáua miri o nhahã.

Ahé orekó quahá; inti orekó nhahã.

Ráinha.

Rerekó será ce uaruá, o i uaruá?

Xa rekó nhahã, inti xa rekó quahá.

Inti xa rekó nhahá; ixé xa rekó quahá.

Cunhã-mucú orekó será quahá uaruá o nhahã.

Ahé orekó quahá, iúire nhahã.

fica assim: Você tem flecha meu irmão mandou que mim para?

Que.  
Você tem a flecha que meu irmão me mandou?

Cheiro, perfume.  
Flôr.  
Dar.  
Cheirar, sentir pelo nariz.

Você não sente o cheiro que as flôres dão?

Eu não sinto esse perfume.

Eu não sinto aquelle que você sente.

Eu não tenho o que que você tem.

Você tem o que eu tenho.

Eu não tenho aquillo você tem.

Que semente tem você?

Eu tenho aquella que você tem.

Uáhá (relativo).  
Rerekó será uíua ce mi mundú (munú) uáhá ixé aráma?

Çaquéna.  
Putira.  
Mehé.  
Cetúna.

Inti re cetúna será çaquéna, putira omehé uahá?

Inti xa cetúna nhahã çaquéna.

Inti xa cetúna nhahã re cetúna uáhá.

Inti xa rekó nhahã, rerekó uáhá.

Rerekó será mahã xa rekó uáhá?

Ixé inti xa rekó nhahã, rerekó uáhá.

Mahã çainha tahá rerekó?

Xa rekó nhahã rerekó uáhá.

Para pôr os nomes no plural.—Aos substantivos acrescenta-se a particula itá, que corresponde ao nosso s. O adjectivo quando vem junto com o substantivo

é inalteravel e conhece-se que está no singular ou no plural, segundo está em um ou outro numero o nome que elle qualifica. Advirta-se que só se emprega o signal de plural quando é mister, e não quando, pelo sentido da oração, se conhece que o nome está n'esse numero. Assim : conte esses jabutís : *repapári nha h iáuti* e não *nahã iáutiitá*.

Os homens bons.	Apgáua-itá catú.
Os pentes.	Kiúúaitá.
Os páos.	Mirá-itá.
Os bons páos.	Miraitá catú.
O olho, os olhos.	Teçá, teçá-itá.
A thesoura, as thesouras.	Pirãha, pirãha-itá.

## THEMA PORTUGUEZ TUPI'

Tem você os pentes ?—Rerekó será kiuáua itá ? — Eu não tenho os pentes que você tem. — Intí xa rekó kiuáua itá rerekó uahá.—Que perfume você sente ? — Mahã çaquéna tahá recetúna uahá? — Eu sinto o perfume das flores que você não sente. — Xa cetúna putíra-itá çaquéna intí recetúna uahá. — Que arvores você possui (tem) ? — Mahã iua-itá tahá rerekó? — Eu tenho aquellas que tú me d'estes. — Xa rekó nahã remehê uahá ixé arãma. — Tem você o arco de madeira que eu lhe dei ? — Rerekó será mĩrá uirapára xa mehê uahá inde arãma ? — Eu não tenho aquelle que

você me deu ; tenho os de seu irmão. — Intí xa rekó nahã remehê uahá ixé arãma ; xa rekó nẽ mũ mahã itá. — Quem tem os bons cães de meu irmão ? — Auáta orekó çẽ mũ iauára itá catú ? — Eu não tenho esses (esse), tenho aquelles. — Intí xa rekó quahá, xa rekó nahã. — Que tem o marinheiro ? — Mahã tahá orekó çurára paraná púra?—Elle temos seus bellos navios — Ahé orekó i maracati itá puranga — Tem elle o pente que eu tenho ? — Ahé orekó será kiuáua xa rekó uahá ? — Que esteiras tem o marinheiro? — Mahã tupé tahá çurára paranapúra orekó ? — Elle tem as esteiras de páo. — Ahé orekó tupéitá mĩra çuiúara.

## LIÇÃO OITAVA

O meu. Os meus.	Ce mahã. Ce mahã itá.
O de você. Os de você.	Ne mahã. Ne mahã itá.
O seu. Os seus.	I mahã. I mahã itá.
O nosso. Os nossos.	Iané mahã. Iané mahã itá.

*Mahã* significa cousa ; *ce mahã*, minha cousa. Elles não dizem só o adjectivo possessivo, e é por isso que traduzimos *o meu* por—minha cousa. Quando, porém, o possessivo é seguido do nome da cousa possuida, então se o emprega só, sem o *mahã* ; assim : minhas flexas : *ce ruíua itá*.

Você tem os meus espelhos ?	Rerekó será ce uaruá itá ?
Eu não os tenho.	Intí xa rekó aité. (*)
Eu tenho os teus.	Xa rekó ne mahã itá.
Elle tem os meus pentes ?	Ahé orekó será ce kiuaú itá ?
Elle tem os nossos.	Ahé orekó iané mahã itá.
Que flor você tem ?	Mahã putira tahá rerekó ?
Eu tenho as flores da moça.	Xa rekó cunhã-mucú putira-itá.
Estas flores tem bello perfume ?	Quahá putiraitá orekó será çaquenaçaua puranga ?
Elles tem bom cheiro.	Aité orekó çaquenaçaua catú.
A cuia (é vocabulô tupi).	Cúia.

(\*) *Aité* é uma contração de *ahé itá* ; *ahé* significa elle, como já vimos.

Remo.	Apucitáua.
Canôa.	Ígára.
Tem elle as minhas bellas cuias ?	Ahé orekó será ce cuiá itá puranga ?
Elle tem aquellas que você tem.	Ahé orekó nhahã, rerekó nahã.
Tem o homem as minhas bellas pistolas ?	Ápgáua orekó será ce mukáua-mirin-itá puranga ?
Elle tem as de ferro. (*)	Ahé orekó itá-xiuára uahã.
Que remos tem você ?	Mahã apucitáua tahá rerekó ?
Eu tenho os remos das suas canôas.	Xa rekó ne ígára apucitáua-itá.

Elles, ellas.	Aité.
Ellas tem as.	Aité orekó aité.
Não as tem.	Intí orekó aité.
Quem as tem ?	Auáta orekó aité ?

Os brancos, os christãos.	Cariua-itá.
Os tapuios os aborigines.	Tapíjia.
O estrangeiro.	Amú tetamaúara, (de outra patria). (*)
O companheiro (camarada amigo).	Irúmo uára (irúmo, com uára, desinencia verbal que significa diversas cousas e aqui—o que come conosco).

(\*) Como não conheciam metaes, a palavra ferro traduziram por *itá* que significa pedra.

(\*) *Amú tetama uára* significa litteralmente : o que come em outra patria.

Nãõ.

Intí, tí, inti mahã, ti-  
mahã.

Leite	Camĩ.
Manteiga.	Icãua
Azeite, oleo.	Iandĩ (jandĩ <i>na costa</i> ).
Faca.	Kicé.
Canivete.	Kicé-mirĩ.
Lenha.	Iepeá.
Você tem leite de vaca ?	Rerekó será tapiira camĩ ?
Eu tenho leite e manteiga de vaca.	Xa rekó tapiira camĩ e tapiira icãua.
Você tem azeite ?	Rerekó será iandĩ ?
Eu tenho azeite vegetal (oleo de fructa).	Xa rekó iuãindĩ.
O azeite vegetal tem cheiro agradável ?	Iuã iandĩ cetúna será catú ?
Seu perfume é bom.	Içaquenaçãua catú.

## THEMA

Tem você as minhas bellas cuias ? — Rerekó será cuiã-itã puranga ? — Eu as tenho. — Xa rekó aitã. Tem você as bellas flores das tapias ? — Rerekó será tapiã itã putira puranga ? — Não as tenho. — Intí xa rekó aitã. — Tenho as do christãos. — Xa rekó putira cariua itã. — Quem tem os meus pentes ? — Auã orekó tahã çẽ kiuãua itã ? — As moças os tem — Cunnã-mucú-itã, orekó aitã. — Tem você os remos ? — Rerekó será apacuitãua ? — Nossos companheiros os tem. — Iane irúmouãra orekó a itã. — Que facas tem

você? — Mahã kicé tahã rerekó? — Eu tenho as facas que seu irmão tem. — Xa rekó kicéitã ne mũ orekó nahã. — Que navios tem os christãos? — Mãhãta maracati kariuaitã orekó? — Elles tem navios de madeira. — Aitã orekó maracati mirã çuiãara. — Os marinheiros tem os nossos remos? — Çurãra paranã pãra orekó será iane apucuitãua? — Que faca você tem? — Mahã kicé tahã rerekó? — Eu tenho a faca do estrangeiro — Xa rekó amu-tetãma-uãra kicé. — Que flores tem você? — Mahã mbutira tahã rerekó? (\*) — Eu não tenho flores, tenho os pentes de seus companheiros. — Intí xa rekó putira ; xa rekó ne irúmouãra uiuãua-iã. — Você tem lenha? — Rerekó será iepéã? — Eu tenho lenha, fogo e agua. — Xa rekó iepéã, tatã, i. — Tem leite? — Rerekó será camĩ ? — Não tem leite mas tem excellente manteiga. — Intí orekó camĩ ; orekó anhũ kãua catũ-retẽ. — Tenho eu lenha? — Xa rekó será iepéã? — Você não tem lenha mas tem carvão. — Intí rerekó iepéã ; rerekó anhũ tatã puinha. — Carvão: tatã-puinha. — Tem o mancebo leite? — Curumiũ çũ orekó será camĩ ? — Não tem leite mas tem oleo. — Intí orekó camĩ ; orekó anhũ (nhunto) iãdĩ. — As mulheres tem flores? — Cunnã-itã orekó será putira? — As mulheres não tem flores ; as

(\*) *E' de regra que o som nasal antecedente nasalisa o consequente e vice versa. Vide a parte geral. — Por isso, como a palavra putira flor, é aqui precedida pela palavra mahã, cuja ultima letra é nasal, muda o p de putira em mb, que se lerá — imb.*

moças é que tem. — Cunhá intí orekó putira; cunhã-mucú anhũ orekó ahé. — Quem tem o bello cão de meu companheiro? — Auá tahá orekó ce irúmouára iáuára puranga? — E' aquelle que tem o espelho. — Ahé nhahã orekó uáhá uaruá. — Tem você companheiros? — Rerekó será irúmouára? — Tenho excellentes companheiros. — Xa rekó irumouára catù reté.

## LIÇÃO NONA

Um.	Iepé, oiepé.
Quano, ta, os, as, quantos?	Mũiri?
Sinão, mais que, somente.	Iúm (aiúm, anhũ, nhunto, esta ultima fórma é peculiar ao Rio-negro).
Dous.	Mukú (mókoin).

Quantas flores tem você?	Mũiri putira tahá rerekó?
Eu tenho duas somente.	Xa rekó mukuĩ anhũ.
Quantas mulheres você tem?	Mũiri cunhã tahá rerekó?
Não tenho mais que uma (tenho uma somente).	Xa rekó iepé iunto.
Quanta farinha você tem?	Mũiri uhí tahá rerekó?
Eu tenho minha canôa cheia (minha canôa está cheia).	Xa rekó ce igára ipóra.

Muito, a, os, as. | Ceia, ou cetá.

Muito, *ceia*, só empregam para expressar numeros, ou cousas que se possam contar. Quando, porém, o muito indica apenas superioridade na acção, como: andei muito, fallei muito, dorme muito, muito bom, muito bonito, então segue-se o verbo ou adjectivo do

signal de superlativo que é *reté*, ou *eté*, segundo o nome antecedente termina em vogal breve ou em longa. Iremos vendo que esta lingua é, como já o disseram os padres José de Anchieta e Montoya, muito mais escrupulosa do que muitas das actuaes linguas cultas da Europa.

Muito pão.  
Muito pão bom.  
Muitos homens (numerosos).  
Tem você muitos homens?  
Gente.  
Eu tenho muita gente.  
Tenho muito.

Miapé cetá.  
Miapé cetá catú.  
Apuáa ceíia.  
Rerekó será apágua ceíia?  
Míra.  
Xa rekó míra ceíia.  
Xa rekó reté.

Pouco.

Valor (coragem).

Valor (valentia, força.)

Pimenta.

Vinagre.

Tem você muita pimenta?

Eu tenho pouca.

Eu tenho muita.

Não tenho nem uma.

Quáiaira (às vezes miri quando se quer indicar que é uma parte da cousa; assim: um pouco de farinha, *uhí miri*).

Piá uaçú (coração grande).

Kirimáua-çáua.

Kiinha.

Içái (agua azeda ou vinagre).

Rerekó será kiinha cetá?

Xa rekó quáia ra.

Xa rekó reté.

Intí xa rekó mahã.

## THEMA

Quantos companheiros tem você? — Múiri irúmoára tahá rerekó? — Eu tenho muitos. — Xa reko ceíia. — Eu tenho poucos. — Xa reko quaiaira. — Tem você dous bahús bons? — Rerekó será mukuí patuá catú? — Não tenho dous bahús, tenho apenas um. — Intí xa rekó mukuí patuá; xa rekó iúm oiepé. — Quantos barcos tem o branco? — Múiri maracati kariúa tahá orekó? — Elle tem dous barcos que você lhe deu. — Ahé orekó mukúí marakatí remehé ana uahá ixupé. — Quantas flexas tem seu irmão? — Múiri rujúa ne mû tahá orekó? — Elle só tem uma. — Ahé orekó iepé iúnto. — Tem você muita batata? — Rerekó será iútica ceíia? — Xa rekó ceíia. — O que tem o branco? — Mäháta cariúa orekó? — Elle tem muito feijão. — Ahé orekó cumaná reté. — Que cheiro tem esta flôr? — Mahã çaquenaçáua tahá oreko quahá putíra? — Ella tem muito cheiro. — Ahé o çaquena reté. — Que gente você tem? — Mahã míra tahá rerekó? — Eu tenho muita gente boa. — Xa rekó ceíia míra catú. — Tem muitas moças? — Orekó será cunhãmucú ceíia? — Tem poucas moças e muitos meninos. — Orekó cunhãmucú quaiaira; orekó kurumí ceíia. — Quantos espelhos as moças tem? — Múiri uaruá cunhãmucú tahá orekó? — Ellas tem somente tres (tres, *moçapire*). — Aita orekó iúnto moçapire. — Ós meninos tem leite? — Curumí orekó será camí? — Elles não tem leite; tem manteiga de vacca. — Intí oreko camí; oreko tapiira ikáua. —

Quantas facas tem você? — Múiri kicé tahá rerekó? —  
 Eu tenho tres facas e dous canivetes. — Xa rekó mu-  
 çapira kicé, mokoî kicé mirî.

LIÇÃO DECIMA

Outro, a, os, outras.	Amû, amûitá.
Tem você um arco de páo?	Rerekó será iepé mîrâ-uirapára?
Não, eu tenho o outro.	Intimahã; xa rekó amû.
Que facas tem você?	Mahã kicé tahá rerekó?
Não tenho as outras; tenho as minhas.	Intí xa rekó amûitá; xa rekó ce mahã.

O braço.	Iuá.
O coração.	Pjá.
O mez.	Iaci (lua).
A obra.	Munhãçaua.
Mais, ainda.	Pîre, rain.

Elles não usam dizer — eu ainda quero mais — e dizem — ou: eu quero mais — ou então: eu ainda quero.

VERBOS

Fallar.	Nhehê (na costa nhe- hêng).
Comprar.	Pîrepána.
Cortar.	Munûca (monóc).
Acabar.	Páu-ûbáu.
Escolher.	Parauáca.
Olhar.	Mahã.
Saber e poder.	Quáu.
Querer.	Potári, putári.
Esperar.	Çaharú.
Estar.	Ikó.
Medo.	Cekjié.
Vergonha.	Tî. (tim)
Tempo.	A'ra.
Trabalhar.	Purauké.



Putári, querer, vai sempre depois do verbo que em portuguez se lhe segue, e fica invariavel, recebendo o outro verbo o prefixo pronominal, ou o suffixo de tempo. Vide a parte geral art. verbos. No seguinte exercicio e thema só nos occuparemos de habituar o leitor a esta singular construcção que confunde um pouco aos que principiam a fallar esta lingua.

Tu queres trabalhar?	Repuraúké putári será?
Tu quero trabalhar.	Xa puraúké putári.
Tu queres fallar tupí?	Renhehê putári será nhehengatù?
Tu quero fallar mas não sei.	Xa n'hehê putári; intí xa quáu.
O que queres cortar?	Mānháta remunúca putári.
O que você quer acabar?	Mānháta re ũbáua putári?
Eu quero acabar esta casa.	Xa ũbáua putári quahá óca.
A quem você quer esperar?	Auá çupé tahá reçaharù putári?
Eu quero esperar o homem.	Xa çaharù putári apgáua.
Com quem você quer estar?	Auá irúmo tahá re ikó putári?
Eu quero estar com você.	Xa ikó putári ne irúmo.
Com quem você quer trabalhar?	Auá irúmo tahá repurauké putári?
Eu não quero trabalhar, quero fallar.	Intí xa purauké putári; xa nhehê putári.
Quem quer trabalhar não tem tempo para fallar.	Auá opurauké putári intí orekó ára onhehen arāma.

Quem quer fallar?	Auáta onhehê putári?
Eu quero fallar.	Xa nhehê putári.
Quem quer comprar?	Auáta opirepāna putári?
Ninguem quer comprar.	Intí auá opirepāna putári.
Quem quer cortar?	Auáta omunúca putári?
Elle quer cortar.	Ahé omunúca putári.
Quem quer acabar?	Auáta umbáua putári?
Tu queres acabar.	Re umbáua putári.
O que elle quer escolher?	Māhāta oparauāka putári?
Elle quer escolher sua gente.	Ahé oparauāka putári i mira.
O que você olha?	Māhāta remahã?
Não quero olhar.	Intí xa mahã putári.
Eu quero saber fallar.	Xa nhehê quáu putári.

## LIÇÃO DECIMA-PRIMEIRA

## VERBOS (\*)

Nas linguas europeas os verbos compoem-se de uma raiz e um suffixo ou terminação, que indica as pessoas; assim: eu trabalho, decompõe-se em *traballh*, que é a raiz. e *o*, que é o suffixo indicativo da 1ª pessoa. O mesmo se dá em todas as demais pessoas.

Nas linguas americanas de que eu tenho visto grammaticas, e nas do Brazil que eu tenho ouvido fallar, que não são poucas, o mechanismo é inverse, como já observei; a saber: a raiz vai para o meio ou fim, e, o que nas linguas europeas é terminação, nas nossas é anteposição ou prefixo. Assim: trabalhar, *p trau' é*; eu trabalho, *a-purauké*; tu trabalhas, *re-purauké*; elle trabalha, *o-purauké*, e assim por diante. E' a este prefixo que os grammaticos antigos chamaram artigo, e chamaram mal, porque não é senão a nossa terminação com a differença de ser anteposta.

(\*) Em geral quando o — e — e o — o — não tiverem signal circumflexo devem se pronunciar feixados, o que advertimos por não ter sido possível, sem experiencia, como ainda estão nossas typographias do alphabeto phonetico, calcular a fundição dos typos de modo que elles não faltassem.

Pronomes	Pessoaes	Prefixos pronominaes
Eu	<i>Ixé, ou xé,</i>	a
Tu	<i>Indé, né, ou iné</i>	ré
Elle	<i>Ahé</i>	o
Nós	<i>landé, ou iané</i>	iá
Vós	<i>Pehé ou penhe</i>	pé
Elles	<i>Aetá, ou aitá</i>	o

## Presente indefinido

Eu trabalho	<i>Xé apurauké</i>
Tu trabalhas	<i>Indé repurauké</i>
Elle trabalha	<i>Ahé opurauké</i>
Nós trabalhamos	<i>Iané iápurauké</i>
Vós trabalhais	<i>Penh pepurauké</i>
Elles trabalham	<i>Aitá opurauké</i>

Quando se falla nas primeiras pessoas é de rigor empregar o pronome pessoal, o qual contrahe em si o prefixo pronominal *a*, e perde o *e*, ficando, portanto, *Xá*; *xá* é, pois, uma contracção de *xe*, eu, e de *a*, prefixo pronominal da 1ª pessoa. Eu trabalho: *xa purauké*.

Quando se falla nas outras pessoas do singular, de ordinario, não empregam os pronomes pessoaes, e os prefixos bastam para determinal-as sem possibilidade de confusão, salvo se a oração começa por pronome.

Nas outras não será erro empregar os pronomes.

Somente o indio conhecerá logo que é um estrangeiro que falla a sua lingua: ao passo que, quando se a falla correctamente, ainda que com algum defeito de pronuncia, elle fica persuadido que a pessoa é de sua tribu, ainda que seja essa pessoa um branco.

Pedaco.  
Carne.  
Quebrar-se.  
Quebrar.  
Apanhar.  
Pegar, segurar.  
Buscar, procurar.

Piçãuéra.  
Çoóquéra.  
upéna.  
Mupéna.  
Pou.  
P'çica.  
Cicári.

Você quer um pedaço de carne?  
Eu quero partir um pedaço.  
Quem quer quebrar o remo?  
Quem quer apanhar esta fruta?  
Elle quer apanhar, porém não póde.  
Seu irmão quer apanhar a fruta.  
Tu queres apanhar, elle não.  
Tu queres comprar uma canôa?  
Eu não quero comprar uma; eu quero dar duas.

Reputári será çoóquéra piçãuéra?  
Xa munúca putári iepé piçãuéra.  
Auáta omupéna putári apucuitáua?  
Auáta opou putári quahá uá?  
Ahé opou putári, intí-oquau.  
Né mū opou putári será uá?  
Repou putári; ahé intimahã.  
Rep'repána putári será iepé igára?  
Intí xa pirepána putári iepé; xa mehê putári mokó.

Elle quer quebrar a canôa?

E' você e não elle quem quer quebrar.

Elle apanhou frutas?

Elle quer, mas não póde.

O que você quer procurar?

Eu quero procurar as minhas cousas.

Você quer um pedaço de carne?

Eu não quero apanhar um pedacinho, quero um pedaço grande.

Ahé omupéna putári se á igára?

Remupéna putári; ahé intimahã.

Ahé opou ána será uá?

Ahé oputári; intí-oquau.

Manháta recicári putári?

Xa cicári putári e ma-hã itá.

Reputári será iepé çoó piçãuéra?

Intí xa pou putári iepé piçãuéra miri; xa putári turuçú.

#### Presente d'finido

O presente definido se fórma com o auxiliar *ikó*, que significa estar. Eu faço: *xa munhã*; eu estou fazendo: *xa munhã xa ikó*. Ainda aqui a ordem da construcção é ao inverso de todas as construcções nas linguas europeas.

Você está fallando?  
Nós estamos fallando.  
Vocês estão cortando?

Nós estamos cortando.  
Elles estão comprando?

Elles estão comprando.

Renhehe re ikó será?  
Iané ianhenhe iáikó.  
Penhe pemunúca será péikó?  
Iané iamunúca iáikó.  
Aitá opirepána será oikó?  
Aitá op'repána oikó.

O que é que nós estamos acabando?

Nós estamos acabando uma canôa.

Nós acabámos uma canôa.

O que você está escolhendo?

Eu escolho minhas frutas.

Elles estão olhando?

Vós olhais.

Você entende o que eu estou fallando?

Nós não sabemos o que você está fallando.

Você escolheu os cães?

Nós os escolhemos.

Nós apanhamos frutas?

Vós apanhais.

Por quem você está esperando?

Māhāta iāumbāua serā iaikó?

Iané iāumbāua iaikó iépé igāra.

Iané iāumbāua āna iepé igāra.

Māhāta reparauāka re-ikó?

Xa parauāka ce iuá.

Aitá omahā serā oikó?

Pehē pe mahā.

Requāu serā mahā xa nhehē xa iko?

Iané intí iāquāu mahā penhehē peikó.

Reparauāka serā iau-áraitá?

Iané iaparauāka.

Iané iapou serā iua?

Penhe pepou.

Auáta reçarú reikó?

*Observação.* — E' de notar-se que, como os prefixos fazem as vezes de terminação, quando um ou mais de um verbo se seguem, é indispensavel pôr os taes prefixos; é assim que dizemos: *pe nunúca peikó*, e não: *pemunúca ikó*, como seria se a indole da lingua fosse igual á das aryannas. Quando um verbo é seguido de um outro, o primeiro é para nós infinito; *re nunúca kári*, tu mandas cortar: é no verbo cortar que está o prefixo pronominal; os exercicios que vamos dando, melhor do que regras, o ensinarão.

## LIÇÃO DECIMA-SEGUNDA

## VERBOS (CONTINUAÇÃO)

Fazer.

Querer.

Accender, (fogo).

Munhā (monhā).

Putári (potári).

Mundica.

Quer você?

Quero.

Quer elle?

Elle quer.

Nós queremos.

Vocês querem?

Elles querem.

Reputári serā?

Xa putári.

Ahé oputári serā?

Ahé oputári.

Iané iaputári.

Peén peputári serā?

Aitá oputári.

Quer você accender o meu fogo?

Eu quero accender o fogo.

Quero accendel-o.

Não quero accendel-o.

Elle quer comprar a tua canôa?

Elle quer compral-a.

Remundica putári serā ce ratá? (\*)

Xa mundica putári tatá.

Xa mundica putári ahé.

Intí xa mundica putári.

Ahé op'repāna putári serā ne igāra?

Ahé op'repāna putári.

(\*) Fogo, *tatá*; meu fogo, *ce ratá* pela regra: quando o nome principia por *t* em absoluto, muda o *t* em *r* quando o agente da oração é pronome de primeira ou segunda pessoa.

Queimar.	Cái, çapí.
Aqueitar, aquecer.	Muacú (moacú).
Rasgar.	Muçurúca.
Caldo.	Iukicé, ou iuk'ci.
Minha roupa branca.	Ce mahaitá murutinga.

---

Você aqueitou a comida?	Remuacú āna será temiú?
Eu queimei a comida.	Ixé xa çap' āna temiú.
Quem a queimou?	Auáta ocái āna?
Ninguém se queimou.	Intí auá oiúcaí.

---

Ir.	Çó.
A, em.	Upé (opé).
A (lugar para onde).	Keté, kité, ou kittí.
A (para alguém), signal de dativo.	Çupé, arāma.
Estar.	Ikó.

---

Elle está em casa de meu irmão.	Ahé oikó ce mū róca opé.
Eu vou á ou para minha casa.	Xa çó ce róca keté.
Elle vai para a casa de seu companheiro.	Ahé oço irumóára róca keté,
Elle está em casa.	Ahé oikó óca opé.

---

A casa de quem você quer ir?	Auá róca keté tahá reço putári?
Não quero ir a casa de ninguém.	Intí xa çó putári [auá róca keté.
Em que casa está teu irmão?	Mahā óca opé tahá oikó ne mū?
Está na minha casa.	Oikó ce róca opé.
Está elle em casa?	Oikó será óca opé?
Não está em casa.	Ahé intí oikó óca opé.

Cansado.	Maraári.
Esta você cansado?	Né maraári será?
Estou cansado.	Ixé ce maraári.
Não estou cansado.	Ixé intimahā ce maraári.
Elle está cansado?	Ahé maraári oikó será?
Nós estamos cansados.	Iané iámarári iáikó.
Elles estão cansados.	Aitá omaraári oikó.

---

Beber e comer.	U.
Aonde, onde?	Mamé?
Para onde?	Mamé keté?

---

Que quer você fazer?	Māhāta remunhā putári?
Seu irmão o que quer fazer?	Māhāta ne mū omunhā putári?
(Algumas vezes elles dizem irmão <i>kijura</i> , outras vezes <i>mū</i> ).	Māhāta ne kijura putári?
Seu pai está em sua casa (delle)?	Ne rúba oikó será óca upé?
(Os indigenas que tem contacto com os brancos servem-se da palavra portugueza pai, em vez do vocabulo indigena <i>túba</i> , <i>rúba</i> , <i>cúba</i> .)	

---

Vocês querem comprar alguma cousa boa?	Penhē pé pirepāna putári será mahā purēnga?
--	---

---

Em vez de dizerem *alguma cousa boa*, elles dizem *alguma cousa bonita*. Bondade physica para elles é o mesmo que boniteza, e vice-versa. A palavra *caté*,

bom, *catuçáua*, bondade, exprime ou qualidades mo-  
raes ou bondade que não se veja, como a de uma  
planta eficaz para uma molestia.

Elles não querem com-  
prar nada.

Querem comprar uma  
corda?

Elles querem comprar  
uma.

Você quer beber algu-  
ma cousa?

Não quero beber nada.

Quer você trabalhar?

Quero trabalhar, mas  
estou cansado.

Você quer quebrar mi-  
nha canôa?

Eu não quero quebrar  
ella.

Você quer procurar o  
meu filho?

Eu quero procural-o.

Que quer você apanhar?

Quero apanhar uma  
fruta.

Seu companheiro quer  
comprar esta tartaruga ou  
aquella?

Elle quer comprar as  
duas.

Este homem quer cortar  
a tua mão?

Aitá inti op'repãna pu-  
tári mahã.

Aitá op'repãna putári  
será iepé tupaçãma?

Aitá op'repãna putári  
iepe.

Reú putári será mahã?

Inti xa ú putári mahã.

Repurauké putári será?

Xa purauké putári; mai  
ce maraári xa ikó.

Reumpúka putári será  
ce igára?

Ixe inti xa umpúka pu-  
tári ahé.

Reçicári putári será ce  
embira?

Xa cicári putári.

Mãhãta repou putári?

Xa pou putári iepé /ná.

Né irúmoára op'repãna  
putári será quahá lúrará  
o nhãhá?

Ahé op'repãna putári  
mokóí.

Quahá apgãua omunúca  
putári será ne pé?

Não quer cortar a mi-  
nha, quer cortar a tua.

Você quer-me queimar?

Eu não te quero quei-  
mar.

Inti omunúca putári ce  
mahã; omunúca putári ne  
mahã.

Nde reçapí putári será  
ixé?

Ixe inti xa çapí putári  
ine.

## LIÇÃO DECIMA-TERCEIRA

(VERBOS, TEMPO PASSADO)

Onde, aonde?	Mamé?
Esta alli.	Oikó mimi.

Levar.	Raçó. (*)
Enviar, mandar.	Mundú.
Conduzir, carregar.	Çupiri.
Pote.	Çamuti.

Aquella mulher já levou o pote?	Quahá cunhá oraçóãna sera camuti?
Ella já o levou.	Ahé oraçóãna.
Ella o vai carregando.	Ahé oçupiri oikó.
Você já mandou o homem lá?	Rem in-lú-ãna será apgáua apé?
Aonde?	Mamé tahá?
A tua casa para levar a farinha.	Ne róca keté, oraçó arãma uhí.

*Tempo passado.* — O presente indefinido seguido do sufixo *ãna* (é o que os jesuitas escreveram *ãa* por ser quasi mu lo o ultimo *a*) fica sendo preterito perfeito. Eu carrego: *xa çupiri*; eu carreguei: *xa çupiri-ãna*.

E' de notar-se, porém, que elles não empregam a fórma passada senão quando lo isso é essencial para

(\*) Recordamos que o *r* nunca tem som aspero; é sempre brando; assim: a primeira syllaba da palavra *raçó* pronuncia-se branda como a ultima da palavra portugueza *queira*.

clareza do seu pensamento. Já notámos o mesmo quanto ao signal de plural.

Ha, por assim dizer, uma especie de preguiça na lingua que faz com que ella não empregue as palavras senão quando estas são essenciaes.

Elle os leva lá.	Ahé oraçó aítã aápe.
Quer você mandal-o a casa de meu pai?	Remundú putári será ahé çe paia róca keté?
Eu quero mandal-o.	Xá mundú putári.
Quer você carregar este paneiro de farinha?	Reçupiri putári será quahá uhí-uruçakãgá?
Eu não quero carregar este paneiro de farinha; eu o levo na minha canôa.	Intí xa çupiri putári quahá uhí-uruçakãnga; xa raçó ahé çe igára pupé.

Voltar.	Iu'ri.
Quando?	Mairamé?
Amanhã.	Uirandé.
Hoje.	Oii.
Hontem.	Kurcé.
Ante-hontem.	Amãkuecé.
A, para alguma parte.	Keté, amã keté.

Quer você ir a alguma parte?	Reçó putári será amã keté?
Não quero ir a nem uma parte.	Ixé intí xa çó putári a mã keté.

Quer você ir a casa?	Reçó putári será óca keté?
Quero ir.	Xa çó putári.
Seu irmão está em casa?	Ne kju ra oikó será óca ope?

Está.

Onde quer você ir?

Quero ir a minha casa.

A que casa você quer levar este pão?

Quero levar a casa de meu companheiro.

A casa de quem você quer levar minha espingarda?

Querem levar a casa dos tapuios.

Para onde essa mulher quer levar a minha rede?

Quer levar para casa della?

Ella quer levar para casa?

Não quer levar a.

Você quer vir a minha casa?

Não quero ir.

Onde quer você ir?

Quero ir a casa de meus parentes.

Que quer você fazer na casa de seus parentes?

Quero ir dansar lá; ha lá esta noite uma dança.

Oikó.

Mamé keté tahá reço putári?

Xa çó putári çé róca keté.

Mahá óca keté tahá reraçó putári quahá uruçakānga?

Xa raçó putári çé irúmoára róca keté.

Auá róca k té tahá reraçó putári çé mukáua?

Aití oraçó putári ahé tapiíia róca keté.

Mahá k té tahá quahá cunhã oraçó putári çé kiçáua?

Oraçó putári çóca keté?

Ahé oraçó putári óca keté?

Ahé intí oraçó putári.

Reiúri putári será çé óca heté?

Intí xa çó putári.

Mamé keté tahá reço putári?

Xa çó putári çé anãma itá óca keté.

Mãhátá remunhã putári ne anãma itá óca opé?

Xa çó putári xa puraçé arãma ápe; quahá pitúna ramé aiqué puraciçáua ápe.

Onde querem ir aquellas moças?

Ellas querem ver os tapuios dansar.

Você quer levar seu filho a minha casa?

Não; eu quero levar-o a tua casa.

Quando quer levar-o a minha casa?

Quero levar-o amanhã.

Quer você carregar os pães de farinha para a canoa?

Quero carregar-os amanhã.

Quando foi que você os carregou?

Eu carreguei-os hontem.

Seu filho quer ir a casa de alguém?

Elle não quer ir a casa de ninguém.

Onde quer você levar estes passaros?

Eu quero levar-os para dentro da canoa.

Quer você mandar um bahú a casa de seu amigo (companheiro)?

Eu não quero mandar; eu quero carregar um para lá.

Mãhá keté tahá oço putári nãhá cunhãmucú itá?  
Aitá oço putári omãhá arãma tapiíia itá opuracé.

Reraçó putári será ne embíra çé róca opé?

Intimahã; xa raçó putári ne róca opé.

Mairamé tahá reraçó putári çé róca opé?

Xa raçó putári uirãndé.

Reçupiri putári será uhi uruçakānga igára keté?

Xa çupiri putári uirãndé.

Mamé tahá reço putári itá?

Xa çupiri ãna aitá kuec?

Ne embíra oço putári será amã auá róca keté?

Ahé intí oço putári amã auá róca keté.

Mamé keté tahá reraçó putári quahá uirã itá?

Xa raçó putári igára keté.

Remundú putári será iepé patuá ne irúmoára óca keté?

Intí xa mundú putári; xa çupiri putári iepé á keté.



Quando volta?	Mairamé tahá reiuiri?
Eu não sei quando volto.	Intí xa quáu mairamé xa iuri.
O que aquella mulher vai carregando naquelle pote?	Māhata quahí cunh oçupiri oikó quahá camutí pupé?
Ella está carregando agua.	Ahé oçupiri oikó i.

## LIÇÃO DECIMA-QUARTA

(VERBOS — PRESENTE, PASSADO E FUTURO)

Olhar, vér.	Xipiá, mahó.
Varrer.	Iapiiri.
Matar.	Iucá.
Poder, e saber.	Quáu.

  

Quando farás a minha casa?	Mairamé tahá curi remunhá cê roca?
Eu a hei de fazer no outro anno.	Xa munhá ahé curi amé acaiú upé.
Quando eu hei de vér você?	Mairamé tahá curi xa mahá ndé?
Você me ha de vér amanhã.	Remahá curi ixé ni-randé.
Quando você me vio?	Mairamé tahá remaã ana ixé?
Eu já lhe vi.	Ixé xa mahá ana indé.

  

Quando você ha de fallar lingua geral?	Mairamé tahá curi re-nhehé nheengatú?
Eu hei de fallar depressa.	Xa nhehé curi curuté.
Quando você ha de varrer o meu quarto?	Mairamé tahá curi re-piiri cê ôcap?
Eu hei de varrer de tarde.	Xa piiri curi carúca rarmé.

*Futuro.* — A particula *curi*, prece lendo ou seguindo o presente indefinido, firma o futuro. Nas phrases interrogativas ella prece le o verbo, e é posta logo depois da particula interrogativa; nas affirmativas ella segue immediatamente o verbo, como o leitor viu nos exemplos acima, e como o iremos vendo nos seguintes.

*to curi anjo*

Cesto, paneiro.	Uaturá, uruçacanga.
Canastra, caixa.	Patuá.
Gato.	Pixãna.

*Dativo.* — Como já vimos na parte synthetica, o dativo se fórma seguindo o nome da posposição *çupé*. Quando o dativo é daquelles a que os antigos grammaticos chamavam de *commodo* ou *proveito*, em vez da posposição *çupé* usa-se de *arãma*.

Eu já fallei a Pedro.	Xa nheẽ ãna Pedro çupé.
Eu hei de trazer uma fruta para Pedro.	Xa rúri curi iepé quã Pedro arãma.

A quem?	Auã çupé? ou auã arãma?
Quem?	Auã tahá?
Que?	Mãháta?

Responder.	Cuaxãna.
A quem você quer responder?	Auã çupé tahá reça-xára putári?
Eu hei de responder a elle.	Xa çuaxãna curi ahé çupé.

Alli, lá, acolá.	Míme, ápe, aápe, á.
Quer você ir a minha casa.	Reço putári ce róca upé.
Eu quero ir lá.	Ixe xa ço putári.
Lá aonde?	Aápe, mamé tahá?
Lá mesmo.	Aápe tenhẽ.
Perto, junto, ao lado.	Ruáké.

Buraco, vasio, espaço, contido dentro de qual-quer vasilha.	Quára.
No buraco, ou dentro do buraco.	Quára ópé (quar'upé).
Fundo.	Típé.
No fundo.	Ípipe.
No fundo da caixa.	Patuá quára ópé.
O peixe está no fundo da agua?	Pirá oikó será ípipe?
Elle está no fundo do forno?	Ahé oikó iapúna quára ópé.

No fogo, ao lado do fogo.	Tatá ruaké.
* Ao cabo, no extremo, no fim, na extremidade.	Pauçápe.
Caminho.	Pé.
No fim do caminho.	Pé pauçápe.
Meu caminho.	Cç rapé.

Que tem você que fazer?	Manháta rerekó remunhã arãma?
Eu tenho que pôr a carne ao lado do fogo.	Ixe xa enũ curi çoó quera tatá ruaké.
Que tem você para comer?	Manháta rerekó reũ arãma?
Havemos de ter muita caça.	Xá røkõ curi çoó cẽia.

Esta tarde, esta noite.	Quahã carúca ramé, quahã pitúna ramé.
Esta manhã.	Quahã coema ramé.
Amanhã de manhã.	Uirandẽ, coema ramé.
Agora, agora mesmo.	Cuh're, kuh're tenhẽ.

Tens medo?	Recequijê será?
Agora já não tenho ; hontem na verdade eu tive medo.	Cuh re intiana xá rekô; kuecê çupi, xa cequijê ra?
Tenho frio.	Ixê ce roi xa ikô.
Cançado.	Maraári.
Fallar.	Nhehê.
Palavra, falla, lingua.	Nhehenga.

Você está cansado de fallar?	Indê re maraári será re- nhehê?
Não estou cansado ; eu tenho vergonha de fallar.	Intimahã ce maraári ; ixê xa tã xa nehê.
Que lingua você falla?	Mahã nehenga tahá re nehê ?
Eu fallo lingua geral.	Xa nehê nehengatú.
E porque me não res- pondes em lingua geral?	Mahárecê tahá intí re- çuáxara ixê nehengatú rupí?

Elles dizem eu fallo pela lingua geral; é essa a traducção da phrase—xa nehê nehengatú rupí.

Quando você ha de fal- lar commigo?	Mairamé tahá curí re- hehê ce irúmô?
Eu hei de fallar com você esta tarde.	Ixê xó nehê curí ne irúmô quahá carúca ramé.
E porque não fallarás amanhã?	Mahárecê tahá intí re- nehê uirande?

N'estes casos não empregam a particula curí; fallar amanhã, é fallar no futuro.

## LIÇÃO DECIMA-QUINTA

Sahir.	Cêma.
Ficar.	Pitá.
Quando você quer sa- hir?	Mairamé tahá recêma putári?
Eu quero sahir agora.	Xa cêma putári cubjre.
Eu fico em casa.	Ixê xa pitá óka opé.

Quer você ficar aqui?	Re pitá putári será ikê?
Quero ficar.	Xa pitá putári.
Quer o seu parente fi- car cá?	Ne anãma opitá putári será ikê?
Não quer ficar.	Intí opitá putári.

Vai você?	Reçô será?
Vou.	Xa çó.
Não vou.	Intí xa çó.

Todos os dias.	Opaí ára opé.
Todas as tardes.	Opaí karúca ramé.
Todas manhãs.	Opaí coéma ramé.

Os indigenas não dividiam o dia e a noite em horas e sim em espaços, mais ou menos, de duas e tres horas, a saber :

Do nascer do sol até 9 horas.	Coéma.
Das nove horas ao meio dia.	Coarací iuaté (sol alto).
Mei-dia.	Çaié ou iandára.
Do meio-dia ás 5 horas.	Á'ra.

Das 5 ás 7.	Carúca, Karúca. Pitúna. P'çaié. Pitúna pucú (noite com- prida.) Coema pirānga. (*) Coema.
Das 7 á meia-noite.	
Meia-noite.	
Da meia-noite ás 4.	
Das 4 ás 6.	
Das 6 ás 9.	

De dia avaliam estas divisões pelo sol, de noite pelas estrellas, pela lua, pelo canto do inambú, e outros passaros que piam a horas certas, como o gallo entre os povos christãos. Vivendo em climas ardentes como são alguns do Brazil, os que são navegantes preferem de ordinario a noite para a viagem. Viajei desenas, talvez centenas de noites pelo Araguaya com guarnições de selvagens carajás—e sempre elles conheciam a hora da noite por meio das estrellas, com precisão que bastava perfeitamente para regular as marchas. Não me envergonho de dizer que, n'esse tempo, eu conhecia muito menor numero de constellações do que elles. Uma noite elles me fizeram observar que uma das manchas do céu (que fica junta a constellação do cruzeiro), figurava uma cabeça de avestruz, e que ao passo que a noite se adiantava—apparecia na via lactea a continuação da mancha como pescoço e depois como o corpo dessa ave. Entre os tupis o planeta Venus, que chama-se *iaci-talá-uacú* e a constellação das pleiades

(\*) *Coema piranga* significa o vermelho da manhã, a madrugada.

(*çeiúc!*) figuram frequentemente na contagem do tempo durante a noite. Na collecção de lendas, que publico adiante, vem, em uma d'ellas, uma curiosa explicação de tempo.

A que horas (em que tempo) chegaste?	Mairamé tabá rec/ka?
Cheguei á meia noite.	Xa ç'ka p'çaié āna ou p'çaié ramé.

*Participio presente.* — O presente indefinido de qualquer verbo, seguido do auxiliar *ikó*, faz com que elle fique no participio presente, e seguindo o verbo da particula *āna*, e esta do mesmo auxiliar, fica o verbo no participio passado.

Um outro modo de formar o participio presente é repetir o verbo duas vezes, a primeira com, a segunda sem o prefixo pronominal, e desta fórma usa-se quando é necessario exprimir duração na acção do verbo: *aitá onhehê nhehê oikó*, elles estão fallando.

Esta fórma tupi passou para o portuguez fallado pelo povo do interior. Os sertanejos dizem: elles estão falla fallando, para indicar que elles estão fallando muito.

Numerosissimas fórmas da lingua tupi passaram para o portuguez do povo; e como é o povo quem no decurso de seculos elabora as linguas, essa se ha de transformar ao influxo principalmente dessa causa, de

modo que dia virá em que a lingua do Brazil será tão diversa do portuguez, quanto este é do latim.

Eu fallo.	Xa nhehê.
Eu estou fallando.	Xa nhehê xa ikô.
Eu fallei ou tinha fallado.	Xa nhehê âna xa ikô.
Amar.	Çaiçú.
Arrumar, arranjar, ordenar.	Mukaturú, mûgaturú. <i>Significa tambem concertar. Vid. o vocabulario.</i>

Ir.	Cô.
Vir.	Ïure.
Ter.	Rêkô.
Morrer.	Manô.
Mover.	Katáca.
Querer.	Putári, potári.
Beber e comer.	û.
Tomar.	Pic/ka.

Você ama a sua mulher?	Nê reçaicú será nê remiricó?
Eu a amo muito.	Xa çaiçú retê ahé.
Eu não a amo.	Intimahá xa çaiçú ahé.

Eu mando, tu mandas, elle manda.	Xa mundú, remundú, ahé omundú.
Eu varro, tu varres, elle varre.	Xa piíri, repiíri, ahé opiíri.
Eu limpo, tu limpas, elle limpa.	Xa iúç', reiúç', ahé oiúç'.

Você já varreu a casa?	Repiíra âna será ôka?
Eu já a varri.	Ixe xa piíri âna.

Sahir.	Cêmo. ( <i>Tambem significa nascer. V. o vocabulario.</i> )
Abrir.	Pirári.
Conhecer (é o mesmo que saber).	Qáu.
Eu abro, tu abres, elle abre.	Xa pirári, repirári, ahé opirári.
Eu conheço, tu conheces, elle conhece.	Xa quáu, reçaúu, o-quáu.
(Conjugado com os pronomes pessoas).	Xa quáu, nê reçaúu, ahé oquáu.

Elle já abrio os olhos?	Ahé opirári âna ceçá?
Nós já os abrimos.	Iané iapirári âna.
A quem tu amas?	Anáta re çaiçú?
Eu amo a minha irmã.	Xa çaiçú ce rendêra.

Não usam desta expressão: eu gosto disto; dizem somente: eu quero isto, salvo quando o sentimento é uma necessidade de cuja privação vem dôr physica, porque então empregam a raiz *aej* que envolve a idéa de dôr, peso, difficuldade, etc. Em vez de dizer-se: tu gostas de vinho, dir-se-ha simplesmente: tu queres vinho? Esta expressão: tu amas o vinho: *Re çaiçú será kãû piranga?* setia inintelligivel ao selvagem.

Tu queres fumar?	Re ú pít/ma putári será?
Não quero fumar.	Intimahá xa ú putári pít/ma.

## LIÇÃO DECIMA-SEXTA

Procurar.	Cicári.
Encontrar.	Uacémo.
Encontrar-se.	Iúíúanti.

O que você viu quando estava procurando sua faca?

Manháta (o que) remae ana, ou remaã ana (tu viste), recicári ramé reikó (procurando quando estava?) ne kicé?

Eu procurava minha faca e eu achei o teu canivete.

Xa cicári ramé ce kicé, xa uacémo ne kicé mir.

Com quem você se encontrou quando ia para casa?

Auá irúmo táha reiúíú anti, reçô ramé óca keté?

Quando eu ia para casa me encontrei com um veado.

Xa ço ramé ce róca keté xa iúíúanti çuaçu irúmo.

Você o levou para casa?

Reraçô ãna será ahé óca keté?

Não o pude levar.

Intí xa raçô ãna quáu ahé.

Brincar.	Muçarãí, muçarai.
Dansar.	Puraçãí, puraçái.
Cantar.	Nhehengári.
Escutar.	Iapicáka.

O que vocês fizeram quando foram a minha casa?

Mãháta pé munhána pe ço ramé ce róca opé?

Brincamos, dansamos e escutamos as moças cantar.

Iamuçarai ãna, ia puraçái ana, iapicáka cunhãmucú itá onhehengári.

Cotovello.	Iiúá penaçáua (tortura do braço).
Costa.	Cupé.
Palma da mão.	Po pitéra (meio da mão).
Palma do pé.	Pe pitéra (id.)

Em vez de, em lugar de.  
Em vez de trabalhar você está brincando.

Recuíára.  
Repurauké recuíára re iumuçarãí reikó.  
Ianhehengári recuíára ia puraçãí.

Em vez de cantar nós dansamos.

Iné nungára reiapicáka recuíára, renhehé re ikó; çupi será?

Parece-me que você em vez de escutar está fallando; não é verdade?

Não é verdade; eu estou escutando em vez de estar fallando.

Tu dormes em lugar de trabalhar.

Intimahá çupi; xa nhehé recuíára xa iapicáka xa ikó.

Repurauké recuíára rekéri será?

O uso deste *recuíára* é, como o do verbo *putári*, diverso do de nossas línguas europeas, como melhor o leitor vai ver pela collocação das palavras portuguezas na mesma ordem, em que estão as palavras indigenas dos exemplos precedentes. Assim, a primeira oração diz: Repurauké recuíára reíumuçarai reikó, litteral: Tu trabalhar em vez tú brincando estás. Ianhehengári recuíára iá puraçãí — nós fallarmos em vez, nós dansamos, isto é: em vez de fallar dansamos. Iné nungára reiapicáka re cuiára renhehén reikó — você a modo, de ouvir em vez, fallando estás, ou — a modo que você em vez de estar ouvindo está fallando. Xá nhehé re

cuiára xa iap/çáka xa ikó: eu fallar em vez de, eu escutando estou.

Em vez de amar a Deos  
você trabalha para o diabo.

Em vez de trabalhar  
para o diabo eu adoro a  
Deos.

Em vez de subir você  
desce?

Eu desço em vez de  
subir.

Por que você desce em  
vez de subir?

Porque é melhor descer  
do que subir.

Aprender.

Ensinar.

Queres me ensinar tupí  
em vez de aprender portu-  
guez?

Eu quero aprender em  
vez de ensinar.

O que você quer apren-  
der em lugar do portuguez?

Eu quero aprender a  
remar em vez de ensinar  
a fallar.

Reçaiçú recuiára Tu-  
pãna, repurauké reikó  
iúrupari arãma.

Xa purauké recuiára  
iurupari arãma, xa muité  
(moeté) Tupãna çupé.

Reiúpiri recuiára reüié  
reikó será?

Xa uié recuiára xa iú-  
piri xa ikó.

Maharecé tahá reüié re  
cuiára reçupiri reikó?

Maharecé catupiri míra  
oüié, míra ouipiri çuí.

Iúmuhé.

Muhé.

Remuhé putári será ixé  
nhehengatú, reiúmuhé re-  
cuiára cariua nhehenga?

Xa iumuhé putári xa  
muhé recuiára.

Máhata reiúmuhé pu-  
tári cariua nhehenga re-  
cuiára?

Xa iúmuhé putári xa  
iápucúí, xa muhé recuiára  
onhehé.

Esta lingua não se serve do verbo desajar no sentido em que nós o empregamos, e é substituído ou pelo verbo putári querer, quando o acto effectivamente

depende da vontade humana, ou das raizes *of* e *cei* quando o desejo não é filho da vontade e sim uma necessidade, como a de beber agua a de comer em geral. Não deixa de ser singular que uma lingua fallada por homens que quasi não tinham cultura intellectual seja tão escrupulosa n'estas distincções, que alias repousam em idéas psychologicas muito verdadeiras. E assim por exemplo, quando elles dizem: *eu quero comer*, se expressão: *Xa iúnué*. A necessidade de comer não depende da vontade. Si, porém dizem: eu quero comer peixe, se expressam: *Xa u putári pirá*; empregam então putári, querer, porque, em vez de comer peixe, podiam tomar carne ou qualquer outro alimento, e pois ha na designação da substancia alimenticia um acto da vontade.

Louco.

De manhã ou pela ma-  
nhã.

De tarde.

De noite.

Cara, rosto.

Akanga ajuá.

Cozma ramé.

Carúca ramé.

Pituna ramé.

Ruá e çuá, (o 1º para  
a 1ª e 2ª pessoa; o 2º para  
a 3ª pessoa).

## LIÇÃO DECIMA-SETIMA

*Comparativo, superlativo, diminutivo.* — Segundo vimos na regra 11, pag. 7<sup>a</sup>, o comparativo fórma-se pela posposição *pĩre*, mais; *Pedro catú pĩre João cui*, Pedro é melhor do que João, literal: Pedro é bom mais João de. E' esta construcção tupi que alterou o portuguez fallado pelo povo do norte do imperio, sobre tudo pelo da provincia do Amazonas, o qual diz muito commummente: *é melhor de você*, em vez de dizer: *é melhor do que você*. Vejamos essa construcção praticamente.

Molhar.	Mururú ( <i>mú</i> , fazer; <i>ru-rú</i> , humido).
Mostrar.	Mucamehê, ( <i>muquáu-mehê</i> .)
Tabaco, fumo.	P'ĩma.
Fumar.	U p'ĩma ( <i>u</i> , ingerir no estomago; <i>pĩma</i> , fumo).

Elles fumam melhor tabaco do que você?	Aitá ou será pĩma catú pĩre penhê cui?
Nosso tabaco é melhor do que o delles.	Iané pĩma catú pĩre aitá cui.
Eu já mostrei minha casa a você?	Xa mucamehê ãna será cẽ róca indé arãma?
João me mostrou a delle que é melhor do que a tua.	João mucamehê imahã catup're uahã ne cui.
Você já molhou a casa delle?	Iné remururú ãna será çóca?

Amarello.  
Branco.

Preto.

Vermelho.  
Azul.  
Verde.  
Pardo.

Tauá.  
Murutinga (*na composição fica somente tĩnga*).  
Pixúna (*na composição fica somente ãna*).  
Pirãnga.  
Çuik/ra.  
Iak/ra.  
Tuãra.

Branco (homem).  
Preto (homem).  
Indio.

Cariua. (\*)  
Tapaiúna. (\*)  
Tapãia.

(\*) Na costa *Caraiba*, no Paraguay *carai*. A raiz *car* ou *ra* envolve a idéa de dilaceração, e enra na composição de muitos nomes de vegetaes providos de espinhos retorcidos como garras, nos das aves e animaes que tem garras—exemplos: *Taquára*, *caragua á*, *carandi*, *marajá*, (vegetaes de espinhos retorcidos); *caracarã* gavião, *carará* corvo d'agua, *iauíra* cão, *iaracté* onça, *auará* lobo, *caráin* arranhar, esfollar. A 2.<sup>a</sup> raiz *ĩba* *ĩua* significa ruim; de modo que o branco foi designado pelo selvagem da America, com duas raizes que exprimem a idéa que elles formaram a principio de nossa raça, isto é: a raça voraz e má; a historia das primeiras conquistas mostra que para elles essa designação era tão real quanto vergenhosa para nós. Por mais injurioso que seja o nome, elle ha de passar a mais remota posteridade, castigo indelével do sangue que derramamos, dos latrocínios e rapinas que fizemos entre elles!

(\*) A palavra *tapaiúna* é uma aglutinação de *tapãia ãna*, isto é, *tapuio preto*.



Mestiço, mulato.  
Escutar, ouvir.  
O que.

Cariuóca. (\*)  
Iap'çáka, cenô.  
Mahá.

Você ouviu o que eu lhe disse?	Recenô ãna será mahá xa nhehé uahá?
Eu não ouvi a falladelle.	Ixé intí xa cenô i nhehénga.
Que falladelle ouviste?	Mahá nhehénga tahá recenô?
Eu ouvi a falladelle do negro.	Ixé xa cenô tapaiúna nhehénga.
Tu ouviste a falladelle do branco?	Recenô será cariua nhehénga?
Eu ouvi a falladelle do negro.	Ixé xa cenô i nhehénga.

Tirar. Você vai trazer alguma cousa?	Iuúca.
Eu vou trazer alguma cousa.	Rerúri será mahá?
Seu pai mandou buscar alguma cousa?	Ixé xa rúri mahá?
Mandou buscar leite.	Né paia omunú será rerúri mahá.
De quem você tirou essas batatas?	Ahé omunú xa rúri camaiúké.
Eu as tirei da roça do negro.	Auá qui tahá reiúuca nhabá iut'ca itá?
Você trouxe batata amarela ou batata verde?	Xa iuúca aítá tapaiúna cupixáua qui.
	Rerúri será iut'ca itaná, o iut'ca iak'ra?

(\*) *Cariuóca*, é composto de *cariúca* branco, e *oc* tirar; tirado do branco, parte de branco, mestiço.

## Saudação

Bons dias.	Iané coéma (nossa manhã).
(Respondem). Como passa?	Indaué.
Bem.	Maíta reçaçáu?
Boas tardes.	Cé catúnte (ce catú eté).
(Respondem). Boas noites.	Iané carúca (nossa tarde).
(Respondem). Entre e assente-se: o que está fazendo?	Indaué.
Venho ter com você.	Iané pitúna (nossa noite).
	Indaué.
	Reiké reuap'ica. Mähá-ta remunhá reiké?
	Xa uire né píre.

Para traduzir estas phrases: *mais do que*, *melhor do que*, *peior do que*, segue-se a mesma fórma do comparativo que expuzemos atraz.

O que é mais verde: a folha da arvore ou a agua do mar?	Mäháta iúk'ra píre; mĩ-rá cahá, o paranauacú ?
A folha da arvore é mais amarela do que a agua do mar.	Mĩrá cahá iak'ra píre paranauacú i qui.
Quem é melhor: o homem branco ou o homem preto?	Auáta catup'ire: cariua o tapaiúna?
O branco é melhor do que o preto.	Cariua catup'ire tapaiúna qui.
O que é mais bonito: branco ou vermelho?	Mäháta ipurága píre: murutínga o ipirãnga?
O branco é mais bonito do que o vermelho.	Murutínga purága píre pirãnga qui.

Para traduzir esta expressão: — *menos que*, ou *menos do que*, elles servem-se de *miri p're*, *menos mais*, que, com a transposição propria á lingua portugueza, faz: — *mais menos*. E' d'isto que resulta a expressão popular *mais menos*, tão vulgar no povo do interior do Brazil. Há mais gente lá do que aqui? A esta pergunta, o povo do interior, quando quer responder que ha menos, diz assim: — *ha mais menos*.

A palavra *pouco*, quando exprime que a acção do verbo não foi completa — como: dormi pouco, andei pouco, pouco bom, pouco bonito, traduz-se por *miri*, que significa pequeno. Xa *kéri* ãna *miri*, dormi pouco; xa *uatá* ãna *miri*, andei pouco; *catú* *miri*, pouco bom; *purãnga* *miri*, pouco bonito. *Como estás?* — *Eu estouinho bom*. Esta segunda oração, que é uma corrupção mimosa do portuguez, prende-se á fórma tupi enunciada n'esta regra.

Um outro modo de exprimir diminuição na acção do verbo, ou no attributo expressado pelo adjectivo, é a palavra *xinga*. *Reçarú xinga ixé* — espera-me um pouco.

Quem demorou mais, foi você ou elle?	Auáta <i>oikó</i> uãna <i>pucú</i> <i>p're</i> , <i>iné</i> o <i>ixé</i> ?
Eu me demorei tão pouco como você.	<i>Ixé</i> xa <i>ikó</i> uãna <i>pucú</i> <i>miri</i> <i>p're</i> <i>ne</i> <i>iaué</i> .

Você já vae?  
Eu já vou; espere-me  
um pouco.

Quem trabalha mais é o  
homem, ou é a mulher?

Entre os tapuios, a mu-  
lher trabalha tanto como o  
homem.

*Iné* *reçó* ãna?  
*Ixé* xa *çó* ãna; *reçarú*  
*xinga* *ixé*.  
Auáta *opurauké* *p're*:  
*apgáua* o *cunhã*?  
*Tapúia* *pitérape* *cunhã*  
*itá* *opurauké* *maí* *apgáua*  
*iaué*.

Para traduzir esta expressão: — *tanto como*, elles servem-se de *maí iaué*, como bem, ou como igual, que estes sentidos tem o discillabo *iaué*.

Você comeu tanto como  
nós?  
Nós comemos tanto como  
você.

*Iné* *reú* ãna *será* *maí*  
*iané* *iaué*?  
*Iaú* ãna *maí* *ne* *iaué*.

Eu fallo menos do que  
você.

O que anda menos: é a  
preguiça ou o caramujo?

Xa *nhehé* *miri* *p're* *ne*  
*çuí*.  
*Mãháta* *uatá* *miri* *p're*  
*será*: *oii* ou *uruá*?

*Formação de nomes*.—Se bem que tenhamos de desenvolver adiante as regras que presidem a formação dos nomes, comtudo diremos em resumo o seguinte:

Em geral fórma-se substantivo de um verbo, unindo-lhe a terminação *ára*, *çára*, *uára*, ou *çáua*. Assim, fazer, *munhã*; autor — *munhãçara*; factó, obra, acção: *munhãçáua*. As tres primeiras indicam o agente, a ultima indica a acção, ou o lugar da acção.

Depois dos exercicios que se seguem, quando o leitor já estiver mais familiarisado com a lingua, desenvolveremos a regra que ficará com grande facilidade sabida desde que, na pratica dos mencionados exercicios, ella se tiver manifestado á sua observação.

*Observação.* — Com as lições antecedentes o leitor familiarisou-se já com as fórmulas mais usuas da lingua. Antes de passar aos exercicios que se seguem aconselhamos que faça uma recordação dellas, lendo sempre alto para habituar o ouvido com os sons da lingua.

Os exercicios que se seguem darão praticamente a conhecer novas fórmulas grammaticas, assim como reproduzirão as que já ficaram atraz conhecidas, de modo a tornal-as familiares ao leitor.

## EXERCICIOS

Estes exercicios, como as anteriores lições, foram redigidos segundo o methodo de Ollendorf, sob a regra de que, nas palavras de uma pergunta estão quasi sempre comprehendidas as palavras e grammatica da resposta, e que as regras grammaticas fixam-se com grande facilidade na cabeça, desde que se as vê praticamente repetidas em um numero grande de exemplos. Redigi estes exercicios de modo que, com os vocabulos de que já nos servimos nas lições anteriores, e com os que se vão novamente aprender, o leitor ficasse possuindo cerca de dous mil, nos quaes estão todas ou quasi todas as raizes monosyllabicas da lingua. Na redacção dos dialogos de Ollendorf elle presuppõe o homem que viaja pela Europa; como as necessidades do que tenha de viajar pelo interior do Brazil sejam mui diversas, tive de acomodar os dialogos a taes necessidades, procurando de preferencia familiarisar o leitor com aquella massa de palavras que lhe seria util nas suas relações com os selvagens.

Um dos melhores methodos de aprender consiste em escrever a parte portugueza do dialogo e depois ir compondo em voz alta a parte tupi.

## I

*Ter vontade, desejo de:* iumutári;  
*ainda está com vontade:* oiumutári  
*já está com vontade:* oiumutári

ãna. *Querer: putári; concertar: mukatúru, mūgatúru.*

Tendes vós ainda vontade de comprar a salsa do meu amigo?—Reiúmutári (\*) será repirepãna çalsa rapú çe camarára?—Eu tenho ainda vontade de comprar, mas já não tenho dinheiro.—Xa iùmūtári raĩ xa pĩre-pãna arãma; intí xa rekõ çeçuiára. —O seu camarada já está com vontade de dormir?—Nę camarára oiú mutári ãna será okęri?—Concertar, mukatúru.—Mande concertar a tolda da minha canõa:—Remuka túru kári çe igára pãnacaríca.

Queres tú?—Reputári será?—Eu quero:—Ixę xa putári.—Quer elle?—Oputári será ahé?—Tú queres.—Re putári.—Nós queremos:—Ia putári.—Elles querem:—Aitá oputári.—Queimar:—Çapí:—Aqueantar:—Muaçú.—Lavar: Iaçúca.—Rasgar Mũhĩ, muçurúca.—Minha roupa: Çę mahã.

## II

*O verbo ço, ir, faz no imperativo cõĩ, que se lê: cõin. Exercício sobre as seguintes expressões: ir em, ir á; estar em; fórmulas negativas e affirmativas. Sou bom, estou cansado; comer, beber, fazer, trabalhar. etc.*

(\*) Já observámos a pag. 13 que nesta lingua muitas vezes o *p* se muda em *m*; *iú mutári*, é composto de *iú* reciproco e *putári* que mudou o *p* inicial em *m*.

Vá: Cõin.—Em casa: ócopé (\*).—Para casa: óca keté.—Estar em casa: ikõ ócopé.—Estar em casa do homem: ikõ apgáua ócopé.—Vá a casa do homem: Reçõin apgáua ócopé.—Elle está em casa do meu amigo: ahé oikõ çe camarára rócopé.—Elle foi a casa de meu pai: ahé oçõ ãna çe pae róca keté.—Estou em minha casa: xa ikõ çe róca opé.—Na tua: xa ikõ nę róca opé.—Na delle: çóca opé.—Está em casa de alguém: oikõ amú auá róca upé.—Vá a casa de alguém: reçõin amũ auá róca upé.—Não vás a casa de ninguém: intí reçõ auá róca upé.—A casa de quem você quer ir? Auá róca upé tahá reçõ putári?—Não quero ir a casa de ninguém: Intimahã xa çõ putári auá róca opé.—Em casa de quem está vosso irmão? Auá róca upé tahá oikõ nę mũ?—Elle está em nossa casa: ahé oikõ ianę róca opé.—Eu sou bom: ixę catú.—Você é bom: inę icatú.—Elle está cansado: ahé imaraári.—Elle quer beber: ahé ou putári.—Elle quer comer alguma cousa: ahé ou putári mahã.—Você quer fazer alguma cousa? Remunhã putári será mahã?—O que quer beber o seu irmão? Mäháta nę kũ'ra ou putári? (\*)—Elle quer beber

(\*) *Ocopé* é uma contracção de *óca*, casa, e posposição *opé* ou *upé*, ná.

(\*) Já observámos atraz que a palavra irmão traduz-se indifferentemente por *mũ* ou *kũ'ra*.

boa caxaça: ahé oú putari cañi catú. — E' certo que elles querem comprar uma canôa? Çupí será aetá opirêpãna putári iepé igára? — E' certo: Çupí tenhen. — Você quer beber alguma cousa? Rêú putári será mahã? — Eu quero beber agua: — Xa ú putári ÿ. — Eu não quero beber nada: Intí mahã xaú putári mahã. — Você quer trabalhar? — Repuranké putári será? — Eu quero trabalhar, porém eu estou cansado. — Xa puranké putári: iepé ixé çé maraári.

## III

*Exercício sobre os verbos: apanhar, procurar, levantar, assar, cozinhar, aquecer, lavar, ter vergonha, esperar, ir, vir, levar, mandar; de manhã, de tarde, meia-noite, etc.*

O que é que aquelle camarada quer fazer? Mäháta nhahã camarára omunhã putári? — Elle quer apanhar uassahy: Ahé opou putári açahí. — Você quer ir vêr caça? Recicári putári será cuú? — Não, eu quero ir procurar peixe: Intimahã, xa cicári putári pirá. — O que você quer levantar? Mäháta rē umpuãmo putári? — Eu quero levantar este esteio: Xa umpuãmo putári quahá ôca pñáçocáua (segurança da casa). — Você quer comprar esta canôa ou aquella? Rêpirepãna putári será quahá igára o nhahã? — Eu quero comprar ambas: Xa pñêpãna putári mocóin. — Você quer assar peixe? Rêmixiri putári será pirá? — Não; eu quero uma panella para cozinhar: Intimahã; xa putári iepé

panêra xa mimó: arãma. — Você quer fazer alguma cousa? Remunhã putári será mahã? — Eu quero aquentar agua para lavar uma ferida: Xa muacú putári ÿ xa muaçúca arãma iepé perêua. — Você quer fallar comigo? Renhehê putári será çé irúmo? — Eu quero fallar com a sua irmã: — Xa nhehê putári nê rendêra irúmo. — Eu tenho vergonha de fallar com ella: Xa ti xa nhehê ahé irúmo. — Nós queremos esperar a maré aqui: Iaçarú putári paranauiké (\*) iké. — Vamos esperar mais adiante, porque é melhor: Iá çó iaçarú tenoné catú pñre. Carpinteiro: mñrá iupanaçára (\*). — Onde estão os remadores? Mamé tahá oikó iapucuiçáua? — Onde você quer ir agora? Mamé keté tahá reçó putári cuhñre?

Queres tu ir a casa do meu irmão? Reçó putári será çé mñ róca keté? — Eu quero ir lá: Xa çó putári aápe. — Vosso tio está em casa? Aiqué será nê tutñra ôca opé? — Elle está lá: — Ahé oikó aápe. — Levar: raçó. — Leve fogo para minha irmã: — Rêraçó tatá çé rendêra çupé. — Vem cá: iúri iké. — Vai lá: Recoñ ápe. — Você quer mandar um recado para meu pai? Remundú putári será quecatú (\*) çé pae çupé? — Quando você quer mandar? Mairamé tahá remundú putári? — Eu quero mandar agora: Xa mundú putári cuhñre. —

(\*) *Paraná*, rio, *iké*, enche; é o refluxo; *paraná tipau*, agua do rio acaba; é a vasante ou fluxo da maré.

(\*) *Mñrá iupanaçára*, o lavrador de madeira.

(\*) *Quecatú* significa recado e lembrança.

Queres tu ir a alguma parte? Reçó putári será amũ ketê?—Não quero ir a parte nem uma: Intimahã xa çó putári amú ketê. — Eu vou de tarde: Xa çó caharúca ramé. — De manhã: Coëma ramé. — Eu vou ao meio-dia: Xa çó iandára ramé.—Meia-noite: Pícaie.

## IV

*Poder fazer, e saber fazer, traduzem-se pela mesma fórma:—munhã quáu. Verbos: cortar, levar, fallar de mim, com, sobre, acerca, dar, emprestar, viajar, etc.*

Você póde fazer uma rêde? Remunhã quáu será iepé kîçáua? — Eu posso fazer: Ixé xa munhã quáu. — Eu não posso fazer: Intimahã xa munhã quáu. — Elles podem fazer: Aitá omunhã quáu.—Seu irmão tem uma faca para cortar mato? Nê mũ orekó será kicé omunúca arãma cahá? — Você quer ir a minha casa? Reçó putári será çé róca ketê? — Eu quero ir, mas quero levar meu filho: Xa çó putári; maí xa raçó putári çé raíra (\*). — Eu quero fallar com sua mãi: Ixé xa nhehẽ putári ne mãia irúmo. — Eu: Ixé.—De mim, a meu respeito: Çé reçé.—Elle fallou de mim: Ahé onhẽ çé reçé.—Elle fallou de você: Ahé onhehẽ ne reçé.—Você fallou delle: Indé renhehẽ i reçé.—Você fallou a mim:

(\*) O pai diz: çé raíra; a mãi diz: çé menbira; a razão é a que damos no Dicc.

Indé renhehẽ ixé çupé. — De ti: Indé reçé. — Delle: I reçé. — De nós: Iané reçé. — Para nós: Iané arãma. — Para elle: I xupé. — Para elles: aitá çupé. — Conosco: Iané irúmo. — Com elles: Aitá irúmo. — Você quer me mandar alguma cousa? Ndé remundú putári será ixé arãma mahã? — Eu não quero te mandar nada: Intimahã xa mundú putári iné arãma mahã.—Eu quero dar a você uma pacova: Xa mehẽ putári indé çupé iepé pacóua. — Você póde me emprestar tua canôa? Repurú quáu será ixé arãma ne igára? — Eu não posso lhe emprestar minha canôa: Intimahã xa purú quáu çé igára. — Porque eu teinho de fazer uma viagem: Xacémo putári reçé okára ketê. (\*)—Elle quer matar o meu gato: Oitucá putári çé pixãna. — Porque o meu gato comeu a gallinha delle: Çé pixãnúa ou reçé i çapucáia. —Quantos arcos você tem? Mãre uirapára tahá rerekó?—Eu tenho muitos: Xa rekó cetá.

## V

*Exercício sobre os verbos: mandar, responder, dansar, estar, pescar, caçar, remar, estar cansado, assim mesmo, contudo etc.*

Quem é? — Auá tahá? — Sou eu: — Ixé. — Para quem você manda isso? Auá çupé tahá re mundú nhahã?—O que você manda levar? Mãhata reraçó kári?

(\*) Xa cemo putári okára ketê litteral: Sahir quero fóra para.

—Eu mando levar fogo para meu pai: Xa mundú oraçó tatá *çé* paia *çupé*.—Responder: *çuaxára*. — Responder ao homem: *Çuaxára apgáua çupé*. — A quem você quer responder? Auá *çupé* tahá *reçuaxára* potári? — Eu quero responder a meu irmão: Xa *çuaxára* putári *çé mû çupé*. — Você quer responder a mim? — *Reçuaxára* putári será *ixé arâma*? — Quero responder: — Xa *çuaxára* putári. — A dança: *muraci*, ou *puraci*. — Você quer ir dansar: *Reçó* putári será *repuraci*? — Elles estão dansando em casa de minha irmã: — Aitá *opuraci oikó çé* *rendêra rôca opé*. — Você quer ir la dansar? *Reçó* putári será *repuraci aapé*? — Eu quero ir la:—*Ixé* xa *çó* putári *ápe*. —Vosso pai está na canôa? *Ne* paia *oikó* será *igára opé*? — Onde está o homen? Mamé tahá *oikó apgáua*? — Elle está na roça: Ahé *oikó cupixápe*. (\*) Roça: *cupicháu*: — Eu agora vou no lago pescar: *Ixé* *cuñre* xa *çó ipáua keté* xa *pinaítica arâma*. — Lago: *ipáua*. Pescar: *pinaítica*. — Eu estou pescando: Xa *pinaítica*. (\*\*) Eu agora vou caçar: *Ixé* *cuñre* xa *çó* xa *cahamunû*. — Caçar: *cahâmunû*. — Quem quer responder ao meu patrão? Auá tahá *çuaxára* potári *çé patrão*

(\*) Roça: *cupixáu*, ou *cupixáua*. Na roça: *cupixápe*; a posposição *pé*, *na*, aglutina-se no vocabulo, o qual perde a ultima letra.

(\*\*) *Pinaítica*, pescar de anzol; *picáitica* pescar de rede. *Piná* ou *pindá* anzol; *picá* rede de pescar; *kicáua* rede de dormir.



*çupe*? — Ninguem quer responder: *Intimahã* auá *çuaxára* putári. — Quem quer responder a esta carta? Auá tahá *çuaxára* putári *quahí papêra*? — Elle não lhe quer responder: Ahé *intí çuaxára* putári. — Você quer ir ao lago? *Reçó* putári será *ipáua keté*? — Eu não quero ir; mas meu irmão quer ir: *Ixé* *itimahã* xa *çó* putári; *çé mû nhû oçó* putári. — Seu pai está cansado? *Ne* paia (\*) *imaraári* será?—Elle está cansado; comtudo elle vai remar: Ahé *imaraári*; *iaué* *tenhê oçó oiapucú*.

## VI

Verbos: *fazer, ajustar-se, ganhar. D'aquí para. Cahir, fundo, canto, perto, ao lado. Passear, agora, logo. Buscar, conduzir. Fundo d'agua, fundo da caixa, fundo da canôa, etc.*

Que tendes vós a fazer? Manhâta *rerekó* *remunhã* *arâma*? — Eu não tenho nada para fazer: *Intimahã* xa *rekó mahã* xa *munhã arâma*. — Com quem você quer se ajustar? Auá *irúmo* tahá *reikó* putári? (·)—Eu

(·) Já observamos a pag. 65 que os indigenas que estão em contacto com os brancos não usão do vocabulo tupi *tûba* para traduzir a palavra *pae*; servem-se do vocabulo portuguez.

(·) *Ajustar*; não tendô elles a instituição, não tinham a palavra para expressal-a; hoje dizem: *com quem queres estar?* como equivalente a isto: *com quem te queres ajustar?* Este modo de exprimir é commum ás bacias do Amazonas e do Prata.

quero me ajustar com você: Xa ikó putári ne irúmo. — Quanto você quer ganhar? Mũre tahá repotári? — De quem tu queres fallar? Auá xii tahá renhehe putári? — Eu quero fallar do branco: Ixé xa nhehe putári cariua recé. — Eu vou d'aqui a casa de meu pai para fallar com o Joaquim: Xa çó ki xii çé pai róca keté xa nhehe arāma Joaquim irúmo. — Eu tenho muita cousa que conversar com elle: Xa rekó reté mahā xa purūguetá arāma ahé irúmo. — Onde está a minha espingarda? Mamé tahá oikó çé mukáua? — Está no canto da casa: Oikó óca openaçáua opé. (canto, openaçáua). — O meu arpão cahiu no fundo d'agua: Çé itapúa oári uána perənā ipípe opé.

(Cahir, ári. Fundo: ipípe. — Fundo da caixa: patuá rípipe. — Fundo da canôa: igára rípipe. — Fundo d'agua: irípipe. — No canto do fogo: tatá ruaké. (Ruaké, ao lado, junto. — Perto da rede (de dormir): kiçáua ruaké.)

Vamos passear em minha casa: Iacó iauatá çé róca opé: — Lá é muito bonito: Aápe iporāga reté. — Você quer mandar buscar as pacovas que estão lá? Remundú putári será ipiāma pacouaitá oikó uahá aápe? — Eu não tenho agora por quem mandar buscar-as: Intí xa rekó cuhíre auá xa mundú arāma ipiāma.

(Buscar, trazer: ipiāma. — Agora: cuhíre. — Logo. curumirĩ.)

## VII

*Exercício de verbos no conjunctivo, futuro, participio. Por que. Sahir, partir, ficar. Aqui, alli, acolá, no alto, em riba, em baixo, em frente, adiante, ao lado, furar, abrir, etc.*

Eu mando buscar logo, quando tiver uma pessoa para ir: Xa mundú curumirĩ ipiāma, xa rekó ramé auá xa mundú arāma. — Esta tarde eu hei de ir fallar com você: Quahá carúca ramé xa çó curí xa nhehe ne irúmo. — Nós temos muito que conversar: Ia rekó reté mahā iapurunguetá arāma. — Esta manhã eu estive no porto fallando com o Joaquim: Quaha coēma xa ikó igáraupáua upé xa nhehe nhehe Joaquim irúmo. — Diga ao carapina que concerte a canôa: Renhehe m-ráiupanaçára çupé omūgaturú arāma igára. — Diga a seu irmão que venha fallar comigo: Renhehe ne kju'ra çupé oúri arāma onhehe çé irúmo. — Elle não pôde agora vir fallar com o senhor: Cuhíre ahé intí oúri quáu onhehe ne irúmo. — Por que tem muito que fazer: Mahá recé ahé orekó omunhā reté mahā. — Diga á nossa gente que nós havemos de sahir com a maré da noite: Renhehe iané míra çupé iacémo paraná pítuna i ramé.

Sahir: Çemo. — Ficar em casa: Pítá óca opé. — Elle fica em casa: Ahé opítá óca opé. — Elle sahe fóra de casa: Ahé océmo óca çuí. — Aqui: iké. — Alli: mími. — Acolá: Aápe. — No alto, em riba: Iuaté.



—Em baixo: *Iuipe*. — De banda: *ruaké*. — Em frente: *tenoné*, *tenoné*. — Ponha ahi: *Enū ápe*. — Ponha debaixo da mesa: *Enū mesa uirpe*. — Eu puz em riba da mesa: *Ixé xa enū mesa áripe*. — Eu puz junto da mesa: *Ixé xa enū mesa ruaké*. — Eu puz no canto da casa: *Xa enū óca openaçápe*. — Feche aquella janella: *recikinau nhabā okēna miri*. — Fechar: *cikinau*. — Abrir: *Pirári*. — Abra a porta: *Repirári okēna*.

## VIII

*Exercício sem traducção portugueza. — Recordação dos verbos antecedentes. Segurar, morrer, mover, pedir, amar, esperar.*

(Vão entre parenthesis as palavras que ou não se tem empregado, ou ainda tem sido empregadas poucas vezes.)

Mairamé tahá *recemo* putári?

Xa *cemo* putári *cuhire*.

*Repitá* (ficar) putári será *ike*?

Xa *pitá* putári.

*Reçó* sera?

Xa *çó*.

Ahé *oçó* putári.

Iané *iaçó* putári.

Māhata *reçó* *remunhā*?

Xa *çó* xa *puraci*, xa *nhehengari* (cantar).

Iané *reçó* será *ne mū rōca opé*?

*Ixé* xa *çó çóca opé*, ára *iaué iaué* (todo dia).

Quáu (conhecer). Iné *requáu* será *çé mū*?

*Ixé* intí xa *quáu ahé*; xa *quáu ne* *rendera*.

Precisar. Putári *reté* (\*) *Ne* putári *reté* será *qahá kicé*?

*Ixé* xa putári *reté* ahé.

*Ixé* intí xa putári ahé.

Māhata (de que) *reputári* *cuhire*?

*Ixé* *intimahā* (de nada) xa putári.

Ahé *oputári* será *dinhéro* (\*)?

Ahé *oputári reté*; *auá* *tahá* intí *oputári*?

Iné *repitá* putári será *ou recema* putári?

Xa *pitá* putári, xa *kéri arāma* (para dormir).

*Ixé* intí xa *pitá* putári; xa *cemo* putári, *quahá carúca ramé*.

*Quahá* *apgáua opitá* putári será *ike*?

Ahé *oçó* putári *ipaja óca keté*.

*Ne* *reçó* será *cahá keté*?

*Ixé* intí xa *çó* *cuhire*; *uirandé* (amanhã) xa *çó*.

*Ne mū oçó* será *paraná keté*?

Ahé intí *oçó* putári *cuhire*.

*Iaçó* *ipiāma* (buscar) *ne* *camarāra* (\*) *itá*.

(\*) As raizes significam querer muito.

(\*) Os indigenas não usavam de moeda; algum commercio, no entretanto, se effectuava entre elles, por meio de troca; a palavra que exprime troca é *çé cuiāra*, que faz *recuiāra* quando o agente é um pronome da 1ª ou de 2ª pessoa.

(\*) A palavra tupi *irumodara* significa companheiro, camarada; usam, porém, da palavra corrupta portugueza — *camarāra*.